

**Organizadora**

Regina Lúcia Péret Dell'Isola

**Nos domínios dos  
Gêneros textuais**  
v.2

Belo Horizonte  
FALE/UFMG  
2009

**Diretor da Faculdade de Letras**

Jacyntho José Lins Brandão

**Vice-Diretor**

Wander Emediato de Souza

**Comissão editorial**

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

**Preparação e formatação**

Marcos de Faria

**Revisão de provas**

Marcos de Faria

**Endereço para correspondência**

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2015A

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3499-6007

*e-mail:* vivavozufmg@yahoo.com.br

**Isbn:** 978-85-7758-051-4

## **Sumário**

### **Apresentação. 5**

Regina Lúcia Péret Dell' Isola

### **Editorial: a voz do veículo. 8**

Mariana S. Marques

### **O editorial de jornal. 15**

Rosaura Maria Marques Vieira

### **Reportagem: gênero textual e factual. 21**

Josiane Felix dos Santos

### **Gêneros textuais :**

### **breves considerações acerca da notícia. 26**

Amanda Azevedo

### **O gênero notícia: características e análise de exemplos típicos. 37**

Saulo Sales de Souza

### **A difícil tarefa de se definir os gêneros textuais: o artigo de revista. 47**

Camila Andrade Reis

### **O que é o gênero entrevista escrita? 53**

Cristiane Paranaguá Alves Pereira

### **Carta do leitor. 58**

Aline Medeiros

### **Carta do leitor: a voz de quem leu. 69**

Josely de Jesus

### **Carta ao leitor: que gênero é esse? 74**

Eliéverton Cristiano dos Santos

### **A entrevista jornalística oral: 86 perguntar para informar**

Cristine Scarpelli de Lacerda

## Apresentação

Regina Lúcia Péret Dell' Isola

Quando o Alienista, de Machado de Assis, decidiu estudar profundamente a loucura, seus diversos graus, a causa do fenômeno e um remédio universal, procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os, primeiramente, em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. Feito isso, começou “um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências”; executando uma “uma devassa” [...] “como a não faria o mais atilado corregedor.” “E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário.”<sup>1</sup>

Apesar de não sermos alienistas, decidimos, em nossa disciplina de Linguística Aplicada, estudar os gêneros textuais, “seus diversos graus”, “a causa do fenômeno”, partindo das classificações já existentes. Realizamos estudos que compreenderam a análise dos gêneros textuais quanto aos seus “hábitos”, às “palavras” empregadas, “as tendências”, as formas, as funções e os modos de circulação social. A cada dia, observávamos novos aspectos dos gêneros como ações sociais e, de fato, constatamos que eles possuem estrutura parcialmente definida, identidades próprias, são reconhecíveis – apesar algumas “anomalias” – e extraordinariamente interessantes. Loucura?

Não é loucura. A necessidade humana de categorizar conhecimentos e objetos resulta na criação de inúmeros “rótulos”, em sua maioria, pautados por escalas de valor. Esses “rótulos” tornam-se parte integrante das atividades sociais da contemporaneidade, sedenta por hierarquizar qualquer conceito passível de ser hierarquizado.

<sup>1</sup> <http://www.biblio.com.br/conteudo/MachadodeAssis/alienista.htm> acessado em 12.6.2007.

Sabemos que o estudo dos gêneros textuais não é novo. Aristóteles na sua *Poética* procurou estabelecer a tipologia dos gêneros épico e dramático. A sua intenção era descrever as características de cada gênero do ponto de vista do funcionamento de cada um como *estruturas* que sustentam obras que devem conseguir comover ou convencer os seus leitores. Depois de Aristóteles, muitos foram os autores que se dedicaram à teoria dos gêneros: Horácio, Quintiliano, J.C. Scaliger, N. Boileau, Goethe, Friedrich Schlegel, Hegel, W. Benjamin e Lukács, para citar alguns dos mais importantes. No século XVIII, estabeleceu-se de um modo rigoroso a triade da literatura *dramática*, *épica* e *lírica*.

A Literatura abriu espaço para a Linguística e o que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema, entretanto a quantidade e diversidade das fontes e perspectivas de análise atuais para abordar esse assunto trazem uma dificuldade natural no tratamento da teoria dos gêneros. Em nossas aulas, viajamos pelas muitas perspectivas teóricas atuais, partindo, evidentemente, de Bakhtin. Estudamos a perspectiva sistêmico-funcional (Halliday) cuja análise está centrada na relação texto e contexto; a perspectiva sócio-retórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua (Swales) em que persiste um caráter prescritivo, mas há também uma preocupação com o aspecto sócio-institucional dos gêneros e uma visão nitidamente marcada pela perspectiva etnográfica com os conceitos de comunidade, propósito de atores sociais; a perspectiva interacionista e sócio-discursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para língua materna (Bronckart, Dolz, Schnewly), com vinculação psicológica, interacionista, cuja preocupação maior é com o ensino dos gêneros na língua materna; a perspectiva da análise crítica (N. Fairclough, G. Kress) que focaliza o discurso como uma prática social e o gênero como uma maneira socialmente ratificada de usar a língua com um tipo particular de atividade social; a perspectiva sócio-retórica (Miller, Bazerman) da escola americana influenciada por Bakhtin, pelos antropólogos, sociólogos e

etnógrafos, cujo foco é a organização social e as relações de poder que os gêneros encasulam, além de se considerar uma visão histórica dos gêneros. É claro que essas perspectivas não representam de modo completo todas as possibilidades teóricas existentes no momento. Mas é certo que a necessidade de classificar faz parte da natureza humana e, para isso, percebemos que não é possível uma única classificação rígida, ao contrário, ela é aberta e sujeita a discussão, já que não existem critérios mais finos e teoricamente mais detalhados para a realização de um trabalho exaustivo.

O estudo de gêneros textuais é uma iniciativa que envolve inúmeras formas de abordagem e engloba uma análise do texto e do discurso, uma descrição dos usos da linguagem e visão da sociedade, e, ainda, tenta responder a questões de natureza sócio-cultural relacionada aos usos da língua de uma maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. Sabemos que os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável.

A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente. Foi isso que tentamos fazer. Esta obra é uma coletânea de textos escritos pelos alunos de graduação que cursaram a disciplina *Linguística Aplicada: os gêneros textuais no ensino da língua portuguesa*, resultado de um trabalho de reflexões sobre o tema. Considerando-se que existem espécies diferentes de gêneros textuais, para tentar compreender e estudar toda essa diversidade, precisamos escrevê-los, dar-lhes nomes e agrupá-los de acordo com as características que compartilham. E assim, os continuaremos procurando classificar tudo o que há no mundo.

## Editorial: a voz do veículo

Mariana S. Marques

O editorial de uma revista é o espaço destinado a exprimir a opinião da empresa. Faz parte, portanto, do chamado jornalismo de opinião. O artigo, a resenha e a crônica são outros exemplos de gêneros opinativos dentro do jornalismo. Em geral, o editorial de uma revista contém opinião sobre algum fato de repercussão do momento.

As revistas de grande circulação costumam reservar um espaço delimitado para o editorial. São escritos geralmente dentro de boxes, assumindo que o texto é opinativo, e se encontram logo nas primeiras páginas do veículo. O texto é breve com a intenção de ser preciso e claro para o leitor.

Dizer que o editorial exprime a opinião da revista não quer dizer necessariamente que todos que trabalham na redação concordam com o que está no texto. Geralmente essa opinião é de responsabilidade da direção da revista. “Nas sociedades capitalistas, o editorial reflete não exatamente a opinião dos seus proprietários nominais, mas o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização”.<sup>1</sup>

O objetivo desse gênero é influenciar a opinião pública a respeito do que o veículo considera o correto. O editorial “tem sempre de tomar partido, pois sua finalidade é aconselhar e dirigir as opiniões dos leitores. Não se pode reservar: tem de decidir-se. O jornal está, por essência, comprometido a dizer em voz alta o que pensa”.<sup>2</sup> Assim, os editoriais de revista não são uma simples narração. São predominantemente argumentativos e demonstrativos.

É mais comum que não haja assinatura do editor que escreve o editorial. Mas é possível encontrar em algumas revistas

<sup>1</sup> MELO. *A opinião do jornalismo brasileiro*, p. 79.

<sup>2</sup> BELTRÃO. *Jornalismo opinativo*, p. 60.

a assinatura de quem escreveu ao final do texto. Os textos são comumente encontrados em terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural.

## EDITORIAL

### Crimes e castigos

O debate sobre a maioridade penal que ressurgiu na esteira de um dos crimes mais bárbaros já registrados no País mostra uma miopia gigantesca sobre saídas para combater a violência. Tome-se, a princípio, o caso do garoto arrastado cruelmente à morte. Dos cinco envolvidos, apenas um era menor de idade. Sobre o tamanho da punição necessária aos demais, adultos, pouco se tratou. Pela lei em vigor, nenhum condenado pode ficar mais de 30 anos na cadeia e aqueles com qualquer pena de detenção contam ainda com o benefício do regime semi-aberto após pagar um sexto da condenação. Nessa condição encontra-se agora o “médico-monstro” do cinema, que metralhou e matou várias pessoas durante uma sessão. Ele havia recebido inúmeras sentenças, por cada vítima, que somavam mais de um século atrás das grades. Seu caso foi revisto e o conjunto de penas reduzido a menos de 40 anos. Conseqüência: o “médico-monstro”, pelo que já cumpriu de detenção, pode ser solto ainda neste ano. A questão é: as punições são justas? Uma pessoa pode sair matando várias outras e menos de uma década depois estar fora da cadeia? E o limite de detenção máxima de 30 anos resolve nas situações de condenados incorrigíveis, que praticaram crimes em série? Esse último aspecto envolve a discussão da prisão perpétua, já aplicada em vários países, como os EUA. O fato é que a legislação criminal brasileira remonta aos anos 50. Àquela época, um sujeito passar 30 anos na cadeia correspondia quase a passar o resto da vida atrás das grades, uma vez que a expectativa de vida média da população não ultrapassava os 55 anos. Hoje não. Com a expectativa na casa dos 80 anos, torna-se pouco intimidadora uma pena máxima de 30 anos. Rever esses tetos é muito mais eficiente para o combate à criminalidade e a sensação de impunidade do que a discussão da maioridade penal. A modernização do Código mostra-se urgente e vital, independentemente de quaisquer outras medidas paralelas de melhorias sociais à população.



GUILHERME PINTO/AG. O GLOBO

Os editoriais podem se dirigir tanto à opinião pública, quanto ao Estado. Segundo Melo,<sup>3</sup> “não se trata de uma atitude voltada para perceber as reivindicações da coletividade e expressá-las a quem de direito. Significa muito mais um trabalho de ‘coação’ ao Estado para a defesa de interesses dos segmentos empresariais e financeiros que representam”.

Não é fácil definir o que seria um “bom” editorial. Alguns prêmios de jornalismo priorizam qualidades como clareza de estilo e poder de influenciar a opinião pública. Análises de alguns editoriais premiados mostram que existem alguns temas mais recorrentes como a pobreza e defesa do ambiente e dos direitos humanos.

Um exemplo de um editorial típico é o publicado na revista ISTOÉ, nº 1947, de 21 de fevereiro de 2007. O editorial é intitulado “Crimes e Castigos” e tem como tema a lei penal. É escrito em terceira pessoa do singular, caracterizando impessoalidade. O editorial aborda o debate sobre as punições para crimes no Brasil. É um editorial de ação porque abrange o assunto a partir do impacto de um fato – o assassinato do menino João Hélio. Apesar de não citar o nome da criança ou mesmo sobre sua cruel morte, há uma foto do garoto, que circulou pelo país, e que é, portanto, de fácil identificação. O texto é curto e claro e aborda um fato atual, caracterizando plasticidade. O estilo, embora apele para o emocional, é racionalizante também, pois relata um problema do país, fazendo com que o leitor reconheça isso. É um editorial polêmico, pois não só relata o fato, mas exige providências por parte dos poderes públicos.

Não é tão fácil encontrar um exemplo atípico do gênero editorial. O editorial da revista *Capricho* de vinte e cinco de abril de noventa e nove, pode ser considerado um exemplo atípico do gênero se comparado aos editoriais de revistas semanais de grande circulação no Brasil, como *Veja* ou *Época*.

<sup>3</sup> MELO. *A opinião do jornalismo brasileiro*, p. 80.



Uma das melhores coisas de se trabalhar em uma revista é que você se torna multimídia. Explico: fazer reportagem significa ir atrás da notícia, fuçar, entrevistar e depois juntar tudo numa idéia e criar um texto. Na revista temos duas responsabilidades:

procurar as informações para montar o texto e para montar o desenho da página. Dê uma folheada nesta sua CAPRICHÔ só para conferir como cada página é diferente, cada matéria tem uma cara. Numa revista, os repórteres têm que garimpar não só informações escritas, mas desenhadas, fotografadas, ilustradas. Por isso eu brinco que somos repórteres multimídia. Na CAPRICHÔ, a gente quer que, além de ilustrar e informar, as matérias tenham humor. Uma das pessoas que fazem isso com perfeição é a editora Estela Galizia. Foi a matéria dela, "Pega Leve", na página 92, que me inspirou a escrever este Diário. É uma matéria sobre dieta, e ela usou aquelas esculturas com balão de gás para ilustrar. As fotos ficaram incríveis! Diferentes, como as capas da revista, que também é a Estela quem acompanha. Para ela, parece fácil juntar informação, beleza e humor. Sortuda, não? Um grande beijo,

Patrícia Braga

Depois de encher metros e metros de balões, foi hora de enrolar e emendar um por um no corpo da modelo. A idéia foi da Estela, editora de beleza. O Marcos, fotógrafo, ficou de olho, pensando no efeito da luz incidindo nos balões. Ficou lindo!

Esta foi a primeira vez que a Marcia, escultora de balões, fez um trabalho com a gente. Só conseguiu porque a Caria, produtora, deu a maior ajuda

fale com a gente

#### nosso endereço

Caixa Postal 14171,  
CEP 02799-970,  
São Paulo, SP



#### nosso telefone

0800-16-1013

##### assinaturas

Como fazer, dúvidas e reclamações:  
• Grande São Paulo  
(011) 3990-2112  
• Outros lugares do Brasil  
0800-55-2112



#### na Internet

[www.capricho.com.br](http://www.capricho.com.br)

e-mail:

[capricho.atleitor@abril.com.br](mailto:capricho.atleitor@abril.com.br)

##### assinaturas

Novas assinaturas:  
[abril.assinaturas@abril.com.br](mailto:abril.assinaturas@abril.com.br)

Para quem já é assinante:  
[abrilasc@abril.com.br](mailto:abrilasc@abril.com.br)

Não se esqueça de colocar nome, endereço completo, idade, escolaridade e se é assinante ou não.

Por problema de espaço ou de clareza, as cartas podem ser publicadas resumidamente. Se a sua carta ou o seu objeto for publicado, você ganha uma camiseta da CAPRICHÔ. As cartas não serão devolvidas.

CAPRICHÔ • 25 de abril de 1999

Uma das características que faz perceber que o texto se encaixa no gênero editorial é que o espaço está destinado para a empresa falar aos leitores, exprimindo claramente sua opinião. A localização do editorial, nas primeiras páginas da revista, antes das matérias, também é uma característica comum ao gênero. O espaço também é delimitado e o texto é breve.

O que chama logo atenção é a denominação "diário" para a editoria. Tal denominação ocorre para se aproximar do leitor-alvo, que nesse caso são meninas adolescentes. A assinatura, ao final do texto, também é uma característica atípica. É possível encontrar assinaturas de editores em revistas semanais de grande circulação. Entretanto, não é tão comum o editor assinar, e a opinião fica sendo considerada como a do veículo em geral. Além da assinatura, há também a foto da editora em destaque, o que pode ser uma alternativa para se aproximar das leitoras, deixando a revista com um jeito mais descontraído e informal.

No caso da edição analisada, o tema central do texto é a maneira como a revista se preocupa em produzir suas matérias. Em editoriais, é mais comum escrever sobre fatos do cotidiano que estão em pauta na sociedade. Editoriais que falam do modo de produção e dos bastidores de uma revista normalmente acontecem quando a revista está mudando seu projeto gráfico. Não é o caso dessa edição da *Capricho*. A editora Patrícia Braga fala sobre o trabalho da repórter da revista e destaca uma das matérias como inspiradora para o texto do editorial. Há também fotos dos bastidores da produção de fotos da matéria, o que é outra característica incomum para o gênero.

Ainda que seja possível encontrar editoriais diferentes ou mais incomuns de acordo com o público-alvo da revista, algumas características são bastante típicas do gênero. É o caso da impessoalidade, que faz com que a maioria dos editoriais seja escrita na terceira pessoa do singular ou na

primeira pessoa do plural. Melo<sup>4</sup> explica que essa é uma característica da própria variabilidade no comportamento do gênero na transição das instituições jornalísticas, que deixaram de ser propriedades individuais ou familiares e se tornaram organizações complexas.

A topicalidade é uma estrutura também muito encontrada nos editoriais. Segundo Melo,<sup>5</sup> a topicalidade surgiu como exigência da nova estrutura editorial das empresas brasileiras, que abandonaram o conceito de um único editorial que continha vários assuntos (o que dava a idéia contraditória de um editorial que falava muito, mas, que ao mesmo tempo, não se detinha em nada), por um maior número de editoriais, no qual cada um deles trata especificamente de uma determinada questão, permitindo assim, que o editorial se torne mais preciso e objetivo na expressão da opinião.

O cotidiano dos tempos modernos também pode influenciar em mudanças no texto do editorial. A rotina apressada transformou o leitor, dos grandes centros urbanos, em um público que exige rapidez na sua leitura. Assim, surgiu a condensabilidade, já que ser claro e breve virou uma necessidade do editorial para ser lido.

Por último, há a plasticidade. Essa característica, explica Melo,<sup>6</sup> "decorre da própria natureza dos fenômenos jornalísticos". Como os fatos jornalísticos são originados pelas circunstâncias e o que acontece no dia-a-dia, eles não podem ser estáticos. "E, se lhe cabe valorar os fatos que estão acontecendo, é indispensável acompanhar o ritmo dos próprios fatos e apreendê-los nos seus desdobramentos, nas suas variações".

<sup>4</sup> MELO. *A opinião do jornalismo brasileiro*, p. 82.

<sup>5</sup> MELO. *A opinião do jornalismo brasileiro*, p. 82.

<sup>6</sup> MELO. *A opinião do jornalismo brasileiro*, p. 82.

## Referências

BRAGA, Patrícia. Diário. *Revista Capricho*, 1999. p. 8.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

MARQUES, Carlos José. Crime e castigo. *ISTOÉ*, n. 1947, 2007.

MELO, José Marques de. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

OBSERVATÓRIO. Disponível em: <[www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br)>. Acesso em: 15 mar 2007.

## O editorial de jornal

Rosaura Maria Marques Vieira

O Editorial é um texto jornalístico opinativo e argumentativo, escrito de modo objetivo e impessoal, com predominância do padrão culto formal da língua, utilizando-se para isso de verbos no infinitivo, na terceira pessoa, no tempo presente e na voz passiva. Ele define e expressa o ponto de vista da empresa, da direção ou da equipe de redação responsável pela sua publicação, a respeito de fatos, situações ou problemas ocorridos ou que estão ocorrendo no momento da publicação dos textos. Aborda assuntos da atualidade, geralmente polêmicos, de maior relevância, sem a obrigação de imparcialidade e da assinatura exigida em outros gêneros jornalísticos. Geralmente, são feitos por um profissional encarregado – o editorialista – mas podem ser redigidos por mais de uma pessoa ou por um conselho editorial. Não são comuns os textos muito longos, esses, normalmente mais analíticos, são chamados de artigo de fundo.

A estrutura do Editorial é composta de a) Introdução que é a apresentação do tema ou tese com o lançamento de uma idéia principal para situar o leitor, já adotando um posicionamento; b) Desenvolvimento ou Corpo da Matéria: contextualização do tema, fundamentação do ponto de vista do jornal através de comparações com a realidade, demonstrando causas e indicativos concretos. Para isso pode apresentar exemplos, pesquisas, depoimentos, citações, retrospectivas históricas e quaisquer outros tipos de informação necessários à sua boa fundamentação; c) Conclusão é a síntese das idéias gerais do texto, mas geralmente, apresenta um posicionamento crítico, sem fugir do assunto inicial, lembrando-se do que motivou a opinião e preferencialmente, sem moralismo, pode sugerir, aconselhar ou indicar caminhos e soluções, também ancoradas em exemplos concretos.

O gênero editorial está classificado na categoria da argumentação, texto dissertativo que tem o objetivo de fundamentar um ponto de vista ou opinião. Apresenta traços estilísticos peculiares assemelhando-se a um ensaio curto de um assunto pertinente e oportuno ao momento imediato. A argumentação se vale muitas vezes da relação de causa-conseqüência, pontos favoráveis ou desfavoráveis (prós e contras).

Eles podem estar associados nos mesmos parágrafos ou separados em parágrafos diferentes. Outros recursos dos quais se apropria são: a abordagem histórica com referência a nomes, datas, comparando-se o ontem e o hoje e elucidando motivos e conseqüências das transformações ocorridas e a abordagem comparativa que parte de duas idéias centrais relacionadas no decorrer do texto. O processo de concessão é um dos mecanismos geralmente utilizados, pois tem como função estabelecer uma oposição entre argumentos contrários; é um tipo de manobra capaz de persuadir o leitor, uma vez que concordando com o adversário, pode-se tanto conciliar com ele, quanto tornar mais fácil ao adversário assimilar os argumentos que são contrários a ele. Existem dois tipos de estruturas concessivas: a coordenativa e a subordinativa. Na primeira, utiliza-se o operador do “mas”, que caracteriza a estratégia do suspense, fazendo com que a conclusão que vem à mente não seja efetivada uma vez que será apresentado um outro argumento que levará o leitor a uma conclusão contrária. Já nas construções subordinativas utiliza-se o operador do “embora”, que caracteriza a estratégia de antecipação, que anuncia que o argumento introduzido anteriormente será anulado.

O jornalismo de opinião, categoria em que classificamos o editorial, implica uma exigência de autenticidade e um sentido permanente de responsabilidade. É necessária uma correta avaliação da importância do assunto na seleção do tema para que ele cumpra o objetivo de revelar ao leitor lados ou facetas menos visíveis dos fatos sociais, oferecendo-lhe a

chave para o entendimento de situações, de atitudes, de palavras, de mudanças, crises, rupturas, afinal, tudo aquilo que preocupa e interessa o corpo social, tornando-se para ele assunto de reflexão e debate.

O editorial deve exprimir, portanto, o sentido mais profundo das tensões e dos fenômenos que realmente levam a transformações, no meio de um emaranhado de notícias. Sendo assim, o editorial desempenha, no complexo jornalístico de que é parte, uma função insubstituível. É comum o tratamento pelos editoriais de assuntos referentes ao comportamento das forças e classe sociais e a sua relação com o poder e evolução da conjuntura econômica. Nessa linha política, podem ser divididos em quatro grupos: a) Submissos ao governo e/ou a classes poderosas, com o intuito de obter favores, em matéria de empréstimos ou de publicidade; b) Independentes, mas sem vigor opinativo, por temperamento ou comodismo da direção; c) Oposicionistas quando existe liberdade de imprensa, para conquistar a simpatia da coletividade, principalmente porque os governos geralmente desagradam a ela; d) Imparciais, capazes de condenar ou de louvar o governo, segundo o mereçam.

Dentro desses grupos, o editorial pode cair em matéria especulativa e pode se perder em hipóteses, esquecendo-se da sua fundamentação em fatos. A especulação e o sensacionalismo político, na maioria das vezes faz despertar o interesse do público que reage, discute. Porém, após algum tempo esquece e perde o fascínio ao perceber que faltavam as ligações com a realidade social. Situações como esta podem colocar em risco a relação de credibilidade estabelecida entre o leitor e o jornal, ao se definir como um processo de intervenção artificial na modelagem da opinião pública.

É importante ressaltar que o diálogo entre posições diferentes é proveitoso e mesmo que o jornal manifeste a sua posição política ele não vai ser rejeitado pelos leitores, se mantiver a sua integridade, honestidade e inteligência.

A seguir, uma análise de um editorial publicado pela Folha de São Paulo:

*Revisão geral*

*Nova medida do PIB acabou por reduzir o peso do problema fiscal; valor do superávit primário não precisa ser aumentado. A DIVULGAÇÃO, pelo IBGE, da nova série de dados sobre a evolução do PIB brasileiro entre os anos de 1995 e 2005 abriu inúmeras questões. Ao longo das próximas semanas, os modelos de análise e projeção macroeconômica empregados pelas autoridades e pelo setor privado terão de ser recalibrados à luz do novo retrato da evolução recente da economia. Vale lembrar que, na próxima quarta-feira, esse retrato será completado com a divulgação dos dados relativos a 2006. Não há dúvida de que a nova metodologia permite ao IBGE fornecer um retrato da realidade mais fiel do que o anterior. (...)*

*O esforço de economia de recursos que vinha sendo realizado para reduzir essa dívida, o chamado superávit primário, também foi menor do que se supunha - mas nem por isso deixou de mostrar-se eficaz. Não faz sentido, por isso, supor que os R\$ 87 bilhões de superávit primário do setor público previstos para 2007, que agora equivalem a cerca de 3,4% do PIB, teriam de ser elevados em R\$9 bilhões para voltar a corresponder a 3,75% do PIB. Ainda mais quando se tem em conta que, dada a rigidez das despesas correntes, o corte de gastos teria de se concentrar nos investimentos, prejudicando a necessária recuperação da infra-estrutura.<sup>1</sup>*

Esse editorial foi veiculado por jornal de grande circulação, a tiragem desta data foi de 314.540 exemplares. A Folha de São Paulo tem como público-alvo as classes A e B, constante e fiel, pois a maioria é assinante. O Editorial não é assinado. Está na segunda página do primeiro caderno, que é intitulada Opinião. Quanto à linguagem do texto foi utilizado o padrão culto formal da língua, predominando a impessoalidade, isto é, a maior presença de 3a. pessoa. Há também a utilização de verbos no infinitivo e na voz passiva, que colaboram para essa impessoalidade. A linguagem é clara e objetiva. O texto possui dez parágrafos, além de um pequeno resumo do assunto após o título. Normalmente a Folha de São Paulo, por apresentar dois editoriais diários, costuma veicular um maior, no alto da página e um menor, logo abaixo do primeiro. Ele ocupa duas colunas. Quanto à estrutura, apresenta nos dois primeiros parágrafos a idéia principal, a introdução propriamente dita, cujo tema é a divulgação da nova forma de cálculo do PIB (Produto Interno Bruto) do país, assunto

<sup>1</sup> FOLHA... Revisão geral.

noticiado poucos dias antes pelo IBGE. O desenvolvimento se encontra nos parágrafos de 3 a 6, fundamentado a partir de retrospectiva histórica, exemplificação, pesquisa e dados estatísticos, principalmente. A análise efetivada pelo editorial sobre o assunto se divide em duas partes: nos parágrafos 3, 4 e 5, adota uma posição favorável quanto à nova forma de elaboração do PIB: nos parágrafos 6 e 7, mostra as limitações dessa nova forma; portanto, adota uma posição, se não contrária, no mínimo, crítica. A conclusão, que abrange os três últimos parágrafos (diferente de muitos editoriais, que normalmente fazem uma síntese do texto ou apresentam sugestões nessa etapa), emite opiniões, faz um juízo de valor sobre a importância, ou não, da nova forma na economia e no dimensionamento dos problemas do país.

Numa análise final, podemos dizer que a seleção do tema - assunto relevante, noticiado intensamente na mídia impressa e eletrônica; o tipo de linguagem adotado e o embasamento pesquisado ou estudado para a sua formulação, estão de acordo com a perspectiva do leitor desse tipo de jornal e estão perfeitamente adequados ao padrão jornalístico da Folha de São Paulo.

Ao final desse trabalho queremos ressaltar a importância do conhecimento teórico para se escrever um bom e eficaz editorial. Os gêneros textuais têm uma identificação específica e servem de guia tanto para os produtores quanto para os receptores; portanto, a ausência desse conhecimento prejudica a eficácia do discurso. Em nossa análise, observamos a aplicação dos conceitos teóricos estudados e observamos que esse gênero textual está bem definido nos veículos pesquisados.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.279-326.
- CEREJA, William R, MAGALHÃES, Thereza C. *Português: linguagens: literatura, produção de texto e gramática*. São Paulo: Atual, 1999, p. 260-311
- CEREJA, William R, MAGALHÃES, Thereza C. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Atual, 2000, p.192-195.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Editorial revisão geral. *Folha de São Paulo*, São Paulo: Folha da Manhã, março. 2007.
- ANSWERS. Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061016100245AAWQORh>>. Acesso em: 20 mar. 2007.
- BOCC. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-genero-textual.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2007.
- LOAJOR. Disponível em: <<http://lucajor.vilabol.uol.com.br/fazendoeditorial.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2007.
- GEOCITIES. Disponível em: <<http://br.geocities.com/adbonini/projet.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2007.

## Reportagem: gênero textual e factual

Josiane Felix dos Santos

A reportagem, tal como a conhecemos, teve seu primeiro esboço na década de 20 do século XX, ligada ao surgimento de um novo formato jornalístico: a revista semanal. Não se trata tão - somente de um estilo de escrita mas, também, de um novo gênero que carrega a filosofia de um jornalismo, preocupado com a informação como um todo, preocupado em constituir uma história da notícia. Enquanto a notícia tem sido entendida como comunicação de uma estrutura fática que corresponde, consciente ou inconscientemente, a uma vigência social geral de um grupo social específico, cujo papel tem sido informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata e objetiva, a reportagem é um gênero que objetiva solucionar o problema de a imprensa estar presa às ocorrências sem relacioná-las. Esse gênero do domínio volta-se para os bastidores da notícia. Enquanto a notícia se fixa no *it*, a reportagem busca o sentido das coisas; numa esfera mais ampla, busca a relação do antes e do depois. Daí o nome que este tipo de jornalismo, focado na reportagem, recebe: "jornalismo interpretativo".

Pressupõe-se para produção de uma reportagem sobretudo o contexto (para se ter uma idéia clara da rede de acontecimentos), os antecedentes (para resgatar no tempo as origens do problema), o suporte (enquetes, pesquisas, entre outros, com o intuito de dar sustentação), a projeção (criando um cenário hipotético para prever seu alcance no futuro) e o perfil (que é a humanização do fato). Seus principais veículos de circulação são: a revista (primeiro veículo para a reportagem com a criação revista *Time*), o jornal (que produz reportagens em tiragens mais rápidas, diárias), o rádio (que se vale das diferentes impoções vocais para direcionar a compreensão e a intencionalidade da notícia), a televisão (que

tenta reconstituir os fatos por meio semiótico) e recentemente o livro (levanta de maneira mais extensa o fato).

Sodré e Ferrari<sup>1</sup> dividem a reportagem em três categorias: reportagem de fatos, de ação e documental. Na reportagem de fatos, os acontecimentos são narrados em sucessão pela ordem de importância. Por exemplo: "Nas últimas semanas, dezenas de *sites* brasileiros tiveram suas *home pages* alteradas (...). A maioria dos ataques acontece contra pequenas empresas (...). Prestadoras de serviços públicos e grandes corporações constantemente sofrem tentativas de assalto."<sup>2</sup>

Na reportagem de ação, os fatos são narrados para produzir sensação visual (cinematográfica). Para tal, os fatos são narrados do mais atraente para os secundários. Por exemplo: "Escravos sustentam *boom* do etanol no Brasil (...). A indústria do etanol está apoiada sobre um exército de 200 mil migrantes (...). O texto acompanha uma reportagem sobre a visita do presidente George W. Bush (...)."<sup>3</sup>

Na reportagem documental, os fatos são fundamentados, por citações de fontes diversas. Por exemplo: "Há pelo menos dez anos tem-se acentuado um processo um processo que chama atenção com relação aos neoevangélicos: sua organização (...). De acordo com o último Censo (...)."<sup>4</sup>

Quanto à forma, a reportagem é definida pelo conteúdo que é sempre factual e corresponde ao real, a verossimilhança e a veracidade são fundamentais. Além disso, mobiliza outros sistemas simbólicos ademais da comunicação lingüística, i.e., projeto gráfico, ilustrações, charges, fotografias, entre outros. A linguagem é formulada a partir de combinações que circulem pela linguagem coloquial (para ser compreendida pelo maior número de leitores), mas sempre combinações que são aceitas no registro

<sup>1</sup> FERRARI; SODRÉ. *Técnicas de reportagem*.

<sup>2</sup> <http://www.terra.com.br/istoe/>

<sup>3</sup> [www.bbcbrasil.com](http://www.bbcbrasil.com)

<sup>4</sup> <http://www.terra.com.br/istoedinheiro/>

formal, demonstrando uma busca de equilíbrio entre formal e informal. Formal para dar credibilidade, informal para criar um contrato de comunicação, empatia. Isso obriga, quase sempre, o uso de terceira pessoa na narrativa, aqui ainda cabem ressalvas para coesão, coerência, precisão, exatidão e clareza.

Nas descrições, feitas com base nos exemplos, percebemos que os recursos textuais utilizados nas três categorias de reportagem são os mesmos. Não sendo um critério baseado em sua estrutura suficiente para categorização, utilizamos, portanto, um critério semântico, em que pelo sentido determinamos o estilo de sua categoria.

A reportagem é uma tentativa de racionalizar a notícia elevando-a a um papel de testemunha ocular dos fatos na mesma medida em que age como o narrador onisciente, vendo todos os ângulos possíveis de um fato, criando impressões, dando voz a outros e deixando reverberar em si textos oriundos de fontes ecléticas, criando, em fim, uma rede de informações que auxiliam uma crítica mais fiel do leitor. O leitor espera encontrar suporte para definir sua opinião crítica e isso traz para dentro da reportagem uma projeção de assuntos que fazem sentido com o contexto atual. Mesmo que se faça necessária a atualização de temas ou a sua ligação direta com temas que estejam circulando entre os leitores.

Assim, a reportagem, por ser um gênero que abrange uma dimensão discursiva muitas vezes especulativa, precisa se fundamentar de maneira sólida na realidade factual para não se perder em seu próprio discurso ou em seus próprios recursos discursivos.

## Referências

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo*: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

FERRARI, M.H; SODRÉ, M. *Técnicas de reportagem*: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo*: norte e sul: manual de comunicação. São Paulo: Ed.USP, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas*: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995.

BBC. Disponível em: <[www.bbcbrasil.com](http://www.bbcbrasil.com)>. Acesso em: 03 Abr. 2007.

TERRA. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 03 Abr. 2007.

TERRA. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoedinheiro/>>. Acesso em: 03 Abr. 2007.

## Apêndice:

---

### Descrição de exemplo 1: Reportagem de Fatos

---

- 1° Parágrafo: Situa o leitor temporalmente.  
Define conceitos sobre o fato.
- 2° Parágrafo: Explicita o fato.  
Apresenta crítica e exemplos sobre o fato.
- 3° Parágrafo: Exemplifica o fato.  
Apresenta crítica com certa ironia.
- 4° Parágrafo: Exemplifica o fato.  
Recorre à voz de outrem para ganhar sustentação.
- 5° Parágrafo: Faz citação de outra fonte.
- 6° Parágrafo: Faz o fechamento.

---

### Descrição de exemplo 2: Reportagem de Ação

---

- 1° Parágrafo: Define o fato principal.
- 2° Parágrafo: Situa o fato.  
Aproxima-o de outro fato.
- 3° Parágrafo: Situa o fato.
- 4° Parágrafo: Apresenta crítica sobre o fato.
- 5° Parágrafo: Faz citação de outra fonte.
- 6° Parágrafo: Faz citação de outra fonte.
- 7° Parágrafo: Faz citação de crítica de outra fonte.
- 8° Parágrafo: Faz citação de dados de outra fonte para ganhar sustentação.
- 9° Parágrafo: Faz citação de outra fonte

---

### Descrição de exemplo 3: Reportagem Documental

---

- 1° Parágrafo: Define o fato principal.  
Situa o leitor temporalmente.
- 2° Parágrafo: Cita fonte com dados concretos.
- 3° Parágrafo: Comenta o fato.  
Exemplifica o fato.
- 4° Parágrafo: Recorre à voz de outrem para ganhar sustentação.  
Dirige-se diretamente ao leitor.
- 5° Parágrafo: Faz citação de dados.
- 6° Parágrafo: Apresenta crítica.
- 7° Parágrafo: Faz citação de fonte e crítica.
- 8° Parágrafo: Faz comentário.
- 9° Parágrafo: Faz citação de outra fonte e crítica.
- 10° Parágrafo: Apresenta crítica.
- 11° Parágrafo: Faz citação de caso.
- 12° Parágrafo: Faz citação de caso.
- 13° Parágrafo: Recorre à voz de outrem para ganhar sustentação.
- 14° Parágrafo: Recorre à voz de outrem para ganhar sustentação.  
Cita crítica de outrem.
- 15° Parágrafo: Faz fechamento.  
Cita dados.

## Gêneros textuais: breves considerações acerca da notícia

Amanda Azevedo

Uma das principais maneiras de se reconhecer um gênero textual é considerar a ação social que realiza, bem como o propósito comunicativo a que serve em determinada atividade humana. Dessa maneira, pode-se entender a notícia como um gênero cuja especificidade é a informação. Trata-se, portanto, de um gênero jornalístico por excelência, socialmente legitimado. Nesse sentido, a notícia torna-se essencial na vida moderna, conforme aponta Barros: “no nosso mundo contemporâneo, a notícia opera de maneira por demais significativa: ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e, sobretudo, para a manutenção do senso comum”.<sup>1</sup>

A notícia possibilita que o leitor saiba de fatos recentes ou mesmo de acontecimentos esquecidos ou camuflados que vêm à tona em épocas posteriores. Esse gênero textual caracteriza-se por fazer saber aquilo que aconteceu em um tempo recente ou não-recente no mundo de que faz parte o leitor. Por serem praticamente incontáveis os fatos do contexto sobre os quais é possível veicular informações, a notícia não se caracteriza por um contexto (referente) particular.

Dado ao caráter informativo do gênero, os textos noticiosos procuram responder a questões como o quê? quando? onde? quem? Além disso, notícias mais elaboradas e de caráter mais elucidativo podem responder a questionamentos como por quê? como? e daí? Essas questões

<sup>1</sup> BARROS. *Notícias na (da) Escola um estudo sobre a leitura da argumentatividade no gênero notícia de jornal em sala de aula*. p. 16.

podem ser identificadas em notícias de revistas semanais, por exemplo.

Assim como os outros gêneros, a notícia pode ser composta de diferentes tipos textuais. A narrativa é o tipo mais facilmente encontrável, uma vez que há relato de fatos em uma seqüência, seja ela temporal ou não. Contudo, outros tipos textuais podem ser utilizados na construção de um texto noticioso. Como exemplo podemos citar a descrição de situações, de traços dos atores sociais envolvidos no fato narrado; a exposição de fenômenos no mundo por meio de seqüências analíticas ou explicitamente explicativas e ainda, de modo oculto, a argumentação, quando é possível identificar certo juízo ou posicionamento parcial em função de alguma coisa. Vale dizer que apesar de a notícia ser um gênero de caráter predominantemente narrativo, não significa que ele se construa de acordo com a estrutura de outras narrativas como o romance, a fábula, por exemplo.

A notícia deve ser relevante, inédita, de interesse público; os fatos relatados devem despertar algum interesse pessoal e humano, ter importância para a sociedade e ser originais. O manual de redação do jornal Folha de São Paulo faz as seguintes recomendações em relação à redação de uma notícia: puro registro dos fatos, sem opinião. A exatidão é o elemento-chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir ou inserir uma informação no texto pode alterar o significado da notícia. Não use desses expedientes.<sup>2</sup>

Em relação aos aspectos estruturais da notícia, pode-se dizer que a manchete e o *lead* são mais facilmente reconhecíveis. Essas categorias para o texto noticioso foram propostas por Van Dijk<sup>3</sup> e compreendem uma seqüência específica de proposições ou componentes do texto. Nesse

<sup>2</sup> BARROS. *Notícias na (da) Escola um estudo sobre a leitura da argumentatividade no gênero notícia de jornal em sala de aula*.

<sup>3</sup> BARROS. *Notícias na (da) Escola um estudo sobre a leitura da argumentatividade no gênero notícia de jornal em sala de aula*, p. 102.

sentido, podem ser encarados como tópicos, unidades cognitivas que vão possibilitar a constituição da macroestrutura de um texto, produzida por um dado leitor. Cabe ressaltar que essa macroestrutura semântica produzida pelo leitor é marcada por sua subjetividade e evidencia suas crenças, ideologias e conhecimento prévio acerca de um assunto. A manchete é composta por letra em destaque e indica o assunto eleito como o mais importante entre as notícias de dada edição. O *lead*, por sua vez, é uma categoria opcional, á a abertura da notícia, em que se apresenta o assunto de modo breve ou se destaca parte mais relevante do tema. A manchete e o *lead* desempenham uma função de sumário, visto que indicam ao leitor o assunto que a notícia irá abordar. Há outras categorias para o texto noticioso postuladas por Van Dijk,<sup>4</sup> como o *background*, fragmento do texto em que se dá informação que não é parte dos eventos, mas que auxilia na percepção do contexto; o evento principal que é a notícia propriamente dita. Finalmente, as últimas categorias são as conseqüências, fragmentos que dão atenção aos resultados do evento e os comentários, conclusões e considerações que podem estar presentes no final de alguns textos. O mais corriqueiro é que a manchete e o *lead* venham em primeiro lugar seguido do evento principal. Em seguida, podem aparecer o *background* e os comentários. Faz-se necessário acrescentar que a escolha da orientação dessas categorias não acontece de modo aleatório e pode apontar a orientação argumentativa da própria notícia e a intenção do veículo que a transmite.

Julgamos conveniente apresentar uma notícia de jornal a fim de demonstrar como tal gênero se apresenta nesse suporte, bem como analisar as categorias que provavelmente aparecerão no texto.

4 BARROS. Notícias na (da) Escola um estudo sobre a leitura da argumentatividade no gênero notícia de jornal em sala de aula.

**ANEL RODOVIÁRIO**

Depois das obras, rodovia passou de 1º para 5º lugar no ranking de vias mais violentas de BH

## **CAI NÚMERO DE ACIDENTES**

RODRIGO CLEMENTE



**Asfalto e sinalização novos contribuem para diminuir acidentes**

**COMBATE AOS BOTA-FORA**

Terminada a recuperação do Anel Rodoviário, a Polícia Rodoviária Estadual vai trabalhar em parceria com a prefeitura para evitar que as margens da rodovia sejam usadas como bota-fora de entulhos. Um dos pontos críticos é o KM 19, próximo à BR-040, no bairro João Pinheiro, região Noroeste. "A prefeitura está utilizando um espaço nesse ponto como depósito provisório das sobras da reforma do Anel. Muita gente acha que é uma base de bota-fora e despeja o entulho lá. Mas as sobras que estão nesse local serão levadas para o aterro", diz o major Antônio Carvalho. Os telefones para denúncias são 190, (31) 2123-1903 ou (31) 2123-1926.

Há menos de três meses, o Anel Rodoviário, por onde circulam 100 mil veículos diariamente, aparecia em primeiro lugar no ranking das vias mais violentas de Belo Horizonte. Em períodos chuvosos, a Polícia Rodoviária Estadual registrava uma média de 15 acidentes diários nos 26,8 km de extensão da rodovia. Com a conclusão do reaparelamento do asfalto, no início deste ano, os acidentes caíram pela metade. Segundo o comandante da 7ª Companhia da PRE, major Antônio Pereira Carvalho, o Anel agora aparece em quinto lugar na lista, atrás das avenidas Amazonas, Cristiano Machado e dois trechos da Contorno, todos na capital.

A comparação entre os números de acidentes e mortes registrados no Anel Rodoviário, antes e depois das obras, ainda não foi concluída pela PRE. No entanto, o major Carvalho garante que a tranquilidade é maior entre os motoristas e pedestres que passam pela rodovia, depois da recuperação. "Hoje não há mais reclamação de pessoas que sofreram acidentes ao desviar de um buraco. Os casos agora são provocados por problemas mecânicos ou imprudência na condução dos veículos", diz.

A velocidade máxima permitida no Anel é de 80 km/h, reduzindo para 70 km/h nos cinco pontos onde estão instaladas as lombadas eletrônicas. Porém, os limites não estão sendo respeitados em alguns trechos. "Nossa grande preocupação agora é com o excesso motivado pelas boas condições das pistas. Na reta próximo ao shopping Del Rey, os veículos chegam a 150 km/h".

**As obras no Anel custaram R\$ 72 milhões e foram bancadas pela Prefeitura de BH (R\$ 14,5 milhões) e pelo governo federal**

A notícia em questão foi publicada no dia 27 de março de 2007, em Belo Horizonte, por um jornal popular com o formato de tablóide.<sup>5</sup> Tal notícia versa sobre a redução de acidentes no Anel Rodoviário após a recuperação do asfalto. A primeira categoria possível de ser reconhecida é a manchete “Cai número de acidentes”, que aparece em destaque no texto. O primeiro período funciona como *lead* na medida em que apresenta de modo sucinto o assunto que será apresentado ao longo da notícia. É possível perceber também o *background*, uma vez que há a apresentação de um assunto que se relaciona com o todo do texto, mas que guarda certa independência em relação a ele. Esse texto adicional ocupa uma posição de destaque, mas é totalmente autônomo em relação ao principal. Também ele possui uma manchete, “Combate aos Bota - Fora”, que fala sobre o empenho de algumas instituições em evitar que as margens do Anel Rodoviário sejam usadas como depósito de entulho quando do fim das obras. Outro *background* aparece em uma caixa em destaque com a seguinte inscrição “As obras do Anel custaram R\$ 72 milhões e foram bancadas pela Prefeitura de BH (R\$14,5 milhões) e pelo governo federal”, ou seja, é uma informação que se relaciona com a notícia de modo absoluto. O evento principal é a notícia em si, é o fato novo que desperta o interesse do leitor. Não foi possível perceber de forma muito nítida a presença de comentários, a explicação que nos parece pertinente é a falta de leitura crítica e postura reflexiva comum a esse tipo de jornal popular.

Esse exemplo é representativo do gênero notícia, uma vez que é possível identificar suas características mais peculiares. No entanto, alguns textos apresentam certa dificuldade de sistematização pelo fato de não ser muito nítida a forma a que pertencem ou a função que desempenham. Muitas vezes esses textos atípicos aproximam-se de vários gêneros textuais. Deve-se analisar, nesses casos, qual o gênero mais facilmente reconhecível.

5 SUPER... Cai números de acidentes.

Um exemplo que julgamos pertinente para exemplificar o caráter híbrido de um texto é a coluna Radar, de Lauro Jardim:

*Radar*

*Lauro Jardim*

• GOVERNO

*A hora dos padrinhos*

*Na reunião do Conselho Político na quinta-feira passada, Lula acalmou os aliados. Garantiu que resolverá todas as nomeações em trinta dias. Enquanto isso, os políticos roerão muitas unhas.*

*Uma diretoria aqui...*

*Aos poucos, o segundo escalão vai tomando sua feição: Lula confirmou Paulo Roberto Costa na diretoria de abastecimento da Petrobrás. Costa é um troféu conjunto do PP e da bancada do PMDB no Senado.*

*...e outra ali*

*Os peemedebistas, gulosos, querem também a mais poderosa diretoria da Petrobrás, a de exploração e produção – mais conhecida como a “que fura poço e acha petróleo”, na definição consagrada por Severino Cavalcanti.*

*Evo assusta*

*O clima é de preocupação no Palácio do Planalto. O pepino tem nome e sobrenome: Evo Morales. Há um certo consenso de que o boliviano fará uma nova provocação no dia 1º de maio – repetindo sua declaração de guerra à Petrobrás no ano passado.*

*“Latinoamérica”*

*E agora? Como fica a tal integração regional, tão cara à política externa do governo? O que nunca existiu de fato agora está perto de dançar.*

*Barrado no baile*

*O intérprete de Lula foi barrado na reunião dos presidentes da América do Sul, na segunda-feira passada na Venezuela. O encontro fechado começou dessa maneira na democracia do senhor Chávez – intérpretes só os cedidos pelos venezuelanos. Apenas meia hora depois o brasileiro pôde entrar.*

*Por ora, não vai*

*FHC foi sondado para encontrar-se com Lula. Desconversou.*

## Collor adere de corpo e alma ao governo

Fotos Ricardo Stuckert/PR e Beto Barata/AE



Lula e Collor: elle "lulou" e tem pedido votos para o governo

O governo está passando momentos de aperto no Senado. Sua maioria ali é mínima. Em algumas votações ganha por um voto de diferença. Até aí, o.k., muitos governos já passaram pelo mesmo sufoco. Surpreendente é constatar que Fernando Collor (sim, elle mesmo) tem se movimentado para arrebanhar apoios para Lula no Senado. Collor tem, inclusive, se encontrado com alguns ministros de Lula: jantou com Walfrido Mares Guia e almoçou com Geddel Vieira Lima.

### • JUSTIÇA

#### *Estranha cumplicidade*

*Alguém aí já viu algum político do Rio de Janeiro condenando os bicheiros como um cancro na sociedade ou aplaudindo entusiasticamente a prisão deles? É uma estranha cumplicidade. Ou talvez não seja tão estranha assim.*

### • MINAS GERAIS

#### *Cobertura completa*

*Aécio Neves está lançando a primeira PPP (parceria público-privada) da área de telefonia. O investimento será do governo de Minas, da Oi, da Telemig e da Claro. O dinheiro servirá para que, em dezoito meses, 412 municípios mineiros passem a receber o sinal de telefones celulares.*

### • ECONOMIA

#### *É o Brasil e mais 27*

*O argentino Woods Staton e o Gávea, de Armínio Fraga, compraram as operações do McDonald's na América Latina, como se sabe. Um total de 28 países e um faturamento de 2,3 bilhões de dólares. Beleza. Mas só o Brasil representa 50% desse total. No ano passado, entre as dez maiores operações da rede americana no mundo, a brasileira foi a que mais cresceu.*

### • AVIAÇÃO

#### *Voando alto*

*Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, que acaba de vender a Ipiranga, Armínio Fraga e alguns investidores americanos iniciaram negociações para tentar comprar a BRA, hoje uma nanica do setor de aviação. Já houve duas reuniões.*

#### *Com hangar*

*O Boeing modelo executivo de Joseph Safra não ficará mais ao relento. A Infraero cedeu ao banqueiro um hangar no aeroporto de Cumbica exclusivamente para o avião (avaliado em 50 milhões de dólares) numa área que, até agora, era exclusiva da FAB.*

### • DESIGN

#### *Celular evangélico*

*De olho no potencial econômico dos evangélicos, a IBM e a Motorola uniram esforços para lançar no segundo semestre o Cell Gospel. Os aparelhos sairão de fábrica em formato de pequenas bíblias. Além de ringtones evangélicos, os donos desses aparelhos terão direito ao "salmos do dia", a sermões on-line e a uma agenda com a programação gospel de shows e eventos.*

### • FUTEBOL

#### *Lula trocou de Ronaldo*

*Lula anda encantado com o futebol jogado por Cristiano Ronaldo, craque português do Manchester United. "Está jogando um bolão", disse o presidente a um amigo na semana passada.*

### Auditoria do TCU pede multa para Gushiken

Tasso Marcelo/AE



Gushiken: irregularidades e omissões

Os técnicos do Tribunal de Contas da União (TCU) terminaram a auditoria sobre a Secom comandada por Luiz Gushiken. Num relatório de mais de 100 páginas, listam uma série de irregularidades na contratação de serviços de publicidade. Os auditores propõem a aplicação de multa para o ex-ministro e para as agências. No caso específico de Gushiken, os técnicos afirmam que omissões "permitiram a fragilidade nos mecanismos de controle interno", o que resultou em gestão "temerária da despesa pública". O relatório ainda não entrou em votação porque o procurador-geral do Ministério Público no TCU, Lucas Furtado, pediu vistas. Finalmente, uma curiosidade: no processo, o advogado da agência Matisse, acusada de ter apresentado "propostas fraudulentas", era o atual advogado-geral da União, José Antônio Toffoli.

Nessa coluna,<sup>6</sup> aparecem várias notícias breves, algumas escritas em apenas um período, como por exemplo, "FHC foi sondado para encontrar-se com Lula. Desconversou". Julgamos tratar-se do gênero notícia porque os textos são essencialmente informativos. Como a coluna é veiculada em uma revista semanal, as notícias tratam, necessariamente, de fatos ocorridos na semana anterior. É possível reconhecer a manchete em todos os textos, as outras características do gênero notícia aparecem ora em um, ora em outro, mas em nenhum dos textos é possível perceber todas as características encontradas, por exemplo, em um modelo típico do gênero. Respostas às perguntas como o quê? quando? onde? quem? nem sempre são encontradas de modo satisfatório. O autor privilegia o máximo de concisão possível e noticia apenas o estritamente necessário. Outra característica do texto de Lauro Jardim é o caráter opinativo. Todas as notícias são acompanhadas de um comentário às vezes irônico, às vezes debochado e uma apreciação dos fatos. Essa característica nos leva a considerar a coluna Radar como um artigo de opinião composto por pequenas notícias acompanhadas de um julgamento.

O gênero notícia, portanto, compreende vários textos que nem sempre podem ser reunidos a partir de um mesmo critério. Há variações quanto ao papel social que eles desempenham, aos componentes formais de sua apresentação, à linguagem utilizada, entre vários aspectos. No entanto, para que diferentes textos de caráter informativo sejam reconhecidos como pertencentes a tal gênero, há que se considerar certas características elementares que fazem parte de toda e qualquer notícia.

## Referências

ABDON, Iaci de Nazaré. *Relações causais e gêneros de textos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. (tese)

BARROS, Lúcia Fernanda Pinheiro. *Notícias na (da) Escola um estudo sobre a leitura da argumentatividade no gênero notícia de jornal em sala de aula: por um letramento midiático*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. (dissertação).

CLEMENTE, Rodrigo. Cai número de acidentes. *Jornal Super Notícias*, Belo Horizonte, 27 mar. 2007. Coluna Anel Rodoviário. p.4.

JARDIN, LAURO. A hora dos padrinhos. *Revista Veja*, São Paulo, 25 abr. 2007. COLUNA RADAR. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/250407/radar.shtml>. Acesso em: 27 Abr. 2007.

## O gênero notícia: características e análise de exemplos típicos

Saulo Sales de Souza

Ao definirmos o gênero notícia podemos nos confundir quanto a suas características essenciais, pois, pode ser divulgado por uma quantidade muito grande de suportes, o que nos deixa confusos. O Dicionário Houaiss da língua Portuguesa apresenta a seguinte definição como a mais abrangente para o gênero, “notícia é o relato de fatos ou acontecimentos, recentes ou atuais, ocorridos no país ou no mundo, veiculado em jornal, televisão, revista, etc.”.<sup>1</sup> Assim, uma notícia pode ser desde uma novidade que sabemos da vida de algum artista de televisão às últimas informações da economia ou política no mundo.

Porém, se analisarmos a notícia do ponto de vista da mídia, que é onde testemunhamos a principal manifestação deste gênero, podemos ter a seguinte definição:

Se considerarmos que a notícia, no sentido mais amplo e desde o tempo mais antigo, tem sido o modo corrente de transmissão de experiência – isto é, a articulação que transporta a consciência do fato quem não o presenciou – parecerá estranho que dela não se tenha construído uma teoria. As notícias eram, até a revolução industrial e suas conseqüências para a indústria jornalística, relatos de acontecimentos importantes – para o comércio, os meios políticos, as manufaturas.<sup>2</sup>

Deste modo, de acordo com Lage,<sup>3</sup> vemos uma boa definição de notícia, como a transmissão do conhecimento por meio de alguém que presenciou a um fato determinado ou a acontecimentos de maior importância para a sociedade. Com o passar dos anos, com a entrada da era contemporânea, a notícia passou a ocupar um lugar de produto para o grande

<sup>1</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 2029.

<sup>2</sup> LAGE. *Ideologia e técnica da notícia*, p.33.

<sup>3</sup> LAGE. *Ideologia e técnica da notícia*.

público nos meios de comunicação. Dessa perspectiva, a notícia sofre um processo de depreciação em relação ao seu conceito inicial, insere-se no que é chamado de comunicação de massa, onde massa é um público desconhecido e indiferenciado. Nesse público, deseja-se certa espécie de conduta, o que abrirá uma possibilidade de manipulação social.

Devemos ainda observar a seguinte diferenciação que Lage,<sup>4</sup> faz de reportagem e notícia. "... a notícia distingue-se com certo grau de sutileza da reportagem, que trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos...". Notamos que a notícia terá essa função de trazer sempre algo novo para a sociedade. Os últimos fatos, de relevância para todo um povo ou para pelo menos um grupo dele.

Por fim, temos uma definição do que é a notícia em relação a sua essência e seu papel na sociedade, de acordo com Fontcuberta,<sup>5</sup> "a notícia é uma forma de ver, perceber e conceber a realidade. É um autentico sistema social e a análise de sua produção lança muitas pistas sobre o mundo que nos cerca". Nessa definição, percebemos que o gênero é apresentado com uma marca de subjetividade, relacionado com a forma de um sistema social de ver e perceber as coisas ao seu redor. Este é um ponto muito importante a observarmos na definição do gênero. Ele apresenta que a notícia possui uma relação ideológica com quem a produz, e cumpre um determinado papel na sociedade, pois seu meio de produção sempre apresentará uma espécie de transmissão de idéias e ideais de um determinado grupo social que tem influência sobre os meios de produção da mesma.

A notícia apresenta várias funções, desde uma informação sobre como será o clima no fim de semana até questões relativas a assuntos específicos. De acordo com Schudson<sup>6</sup> "a informação ganha cada vez importância na

<sup>4</sup> LAGE. *Ideologia e técnica da notícia*, p.35.

<sup>5</sup> PEREIRA JÚNIOR. *Decidindo o que é notícia*, p.64.

<sup>6</sup> PEREIRA JÚNIOR. *Decidindo o que é notícia*, p.64.

contemporaneidade. Um cidadão mais bem informado criará uma melhor e mais completa democracia". Percebemos aí uma das mais importantes funções da notícia, que é trazer informação relevante para a formação da cidadania. Assim, ela terá uma função de formadora de opinião e conhecimento na sociedade. Se um cidadão procura informar-se sempre sobre o que está acontecendo na sociedade, ele terá uma noção melhor de como exercer sua democracia, cobrando mais de seus dirigentes, exigindo seus direitos e estando mais apto para não se esquecer de seus deveres.

Porém, muitas vezes, as notícias são manipuladas pelos meios de comunicação, passando a exercer função de meio de controle para líderes de um povo ou de sua elite. Por exemplo, se um jornal sempre traz notícias, ressaltando as qualidades de certo governo, esquecendo-se de apresentar seus defeitos também, as pessoas serão tentadas a vê-lo com bons olhos. Desta forma, não ocorrerá uma cidadania ideal, mas sim, uma ilusão de bom governo e participação política.

Uma notícia pode também informar de fatos triviais, relativos ao cotidiano das pessoas. A reforma de uma avenida, o clima no final de semana, um grande espetáculo em cartaz são exemplos de notícias que não têm importância direta na formação da cidadania e do conhecimento das pessoas. Porém, informações sobre lazer ou sobre o trânsito de uma cidade, contribuem para uma melhor qualidade de vida das pessoas. Desta maneira, a notícia em sua função de informar de fatos cotidianos influencia na vida das pessoas.

A notícia pode assumir diferentes formas. Ela pode estar até em outros gêneros textuais. Por exemplo, uma notícia pode estar inserida em uma carta, informando como está a situação de uma pessoa em um determinado lugar. Uma notícia pode estar até mesmo em um bilhete, em uma publicação científica, em um programa esportivo, entre outros lugares. Assim vemos que a notícia convive com outros gêneros.

Entretanto, temos uma espécie de gênero que é a notícia jornalística. Ela apresenta características próprias quanto a sua forma. O *lead* que o parágrafo inicial de uma notícia onde será feita uma explanação do fato mais importante da série de fatos descritos na mesma. Depois dele, segue-se uma explicação dos acontecimentos com maior riqueza de detalhes, sendo o próprio corpo da notícia jornalística.<sup>7</sup>

Para termos uma idéia da variedade dos veículos de circulação da notícia vejamos:

A notícia ocupa um lugar importante no rádio, na televisão e nos jornais; nas conversas, nos relatórios de pesquisa; penetra em todos os saberes, obriga a uma constante reestruturação do campo do conhecimento. Antes de existirem, na experiência dos homens, as coisas foram descobertas: o pássaro e seu vôo; teorema e sua aplicação; céu e sua imensidade; a tirania e seu tirano; a libertação e a liberdade. No entanto, descobrir é ainda dar notícia.<sup>8</sup>

Assim, percebemos o grande número de suportes que podem trazer o gênero notícia. Desde jornais, no rádio e na televisão, até mesmo nos panfletos distribuídos nas ruas e nos meios acadêmicos. Uma conversa descontraída com os amigos pode trazê-la também.

A notícia é assim um gênero de suma importância para a nossa sociedade; ela é um gênero relevante na construção do conhecimento da humanidade. Versátil, ela pode estar em vários tipos de suporte, cumprindo suas funções que vão desde contribuir para a formação da cidadania até para nos informar de fatos corriqueiros.

Analisamos duas notícias publicadas no dia 27 de março de 2007. Uma no jornal O Tempo, com o título de Acidentes caem pela metade no anel. A outra reportagem é Cai número de acidentes, que pertence ao jornal Super Notícia (ambas as

<sup>7</sup> LAGE. *Ideologia e técnica da notícia*.

<sup>8</sup> LAGE. *Ideologia e técnica da notícia*, p.34.

notícias estão anexas e tratam do mesmo fato). Também é o mesmo órgão que é responsável pela editoração destes jornais. Porém, o jornal O Tempo é um jornal tradicional e o Super Notícias é um jornal sensacionalista.

Em relação à definição de notícia, percebemos que as duas se enquadram nas definições estudadas anteriormente. Elas são o relato de fatos recentes que afetam a vida pública do cidadão, transmitindo a consciência do fato a quem não presenciou, pois cumprem a função de informar como o governo está cuidando do Anel Rodoviário na região metropolitana de Belo Horizonte. Desta maneira, ela está demonstrando se o governo está cumprindo com suas obrigações com os belo-horizontinos, conscientizando-os, ao mesmo tempo. Neste caso, são apresentados fatos positivos nas reportagens. Estes fatos podem até ser julgados como uma maneira de manipular a opinião das massas, como já vimos, pois muitas vezes são exaltadas as qualidades da liderança de um povo, quando se deveria dar atenção para os defeitos. Mas aí já estaríamos saindo dos limites do estudo de um texto e entrando em questões políticas. O que importa para nós é percebermos que ela é uma forma de conceber a realidade e, ao analisarmos as mesmas, encontramos pistas sobre o mundo que nos cerca.

O que mais chama a nossa atenção ao analisarmos estas duas notícias são características quanto a sua forma, os recursos que utilizam, e o público ao qual são destinadas. Percebemos que a notícia do jornal sensacionalista é uma espécie de sumário da outra, do jornal tradicional. A notícia do jornal Super Notícia apresenta até mesmo um título mais simplificado e o conteúdo da mesma apresenta somente o essencial sobre a queda de 1º para 5º lugar em vias com mais acidentes do Anel Rodoviário de Belo Horizonte e das reformas no mesmo. Fala com uma autoridade de trânsito que relata que as pessoas não reclamam mais de acidentes por desviar de um buraco, mas sim por problemas mecânicos. A notícia também diz o custo da obra em um pequeno quadro.

O recurso semiótico que utiliza é bastante limitado, uma pequena foto mostrando o Anel Rodoviário.

Já a notícia no jornal O Tempo apresenta muito mais informações. Do ponto de vista de conteúdo ela apresenta tudo o que a outra diz e muito mais. Ela continua a entrevista com o oficial da polícia rodoviária federal. Assim, ela transmite-nos novidades sobre como está o índice de atropelamentos, que caiu devido à construção de passarelas e ainda construirão outras. Ela ainda traz a opinião de motoristas sobre as melhorias que as reformas no anel causaram na vida deles, e traz também que moradores reivindicavam a construção de passarelas há muito tempo. Convém ressaltar também, a diferença de espaço dedicado a esta notícia neste jornal, que é muito maior do que a do outro. É importante notarmos também que a variedade de recursos semióticos é muito maior, onde podemos ver a foto de uma mãe e um filho passando em paz pelas passarelas, e numa foto menor pessoas se arriscando de baixo de passarela. Temos também nesta reportagem o uso de gráficos para demonstrar como anda a recuperação do anel rodoviário, mostrando as etapas das obras já concluídas; os bairros em que as obras já foram concluídas ou estão em fase de conclusão; e os custos desta obra para o governo federal e para a prefeitura. Os dados dos custos estão incluídos no texto também.

É interessante percebermos que o jornal tradicional é destinado a um público que tem mais familiaridade com a leitura e busca um conhecimento mais aprofundado dos fatos. E possivelmente, mais instruído e de um nível social mais alto. Já o jornal sensacionalista é destinado a um público menos familiarizado com o hábito da leitura, pois vai de maneira direta ao assunto, inclusive no título da notícia. Não apresenta muitos detalhes na mesma. Possivelmente, seus leitores vêm de uma camada social mais baixa e são menos instruídos.

Notamos que a notícia adquire diferentes características nos jornais tradicionais e sensacionalistas, se adequando às necessidades de determinado mercado, o da classe mais alta

e o da classe mais baixa também. Vemos que, por essas razões, as notícias são afetadas de uma forma vertiginosa quanto ao seu conteúdo de informações. E o mais interessante é que, uma mesma fonte editou esses jornais, assim um público não é concorrente do outro. Dificilmente um mesmo leitor compraria destas duas espécies de jornais. Dessa maneira, a notícia assume formas diferentes nos dois jornais de um mesmo editor.

## Referências

BRAGA, Ernesto. Acidentes caem pela metade no Anel. *O Tempo*, Belo Horizonte, 27 mar. 2007. Caderno Cidades. p. B5

CLEMENTE, Rodrigo. Cai número de acidentes. *Jornal Super Notícias*, Belo Horizonte, 27 mar. 2007. Coluna Anel Rodoviário. p.4.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

PEREIRA Jr., Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

## Anexos

PÁGINA B5 CIDADES  
BELO HORIZONTE • TERÇA-FEIRA • 27 DE MARÇO DE 2007 O TEMPO

**PROJETOS E OBRAS**

# Acidentes caem pela metade no Anel

Após obras de reapecamento, rodovia passou de 1º para 5º lugar no ranking de vias mais violentas de Belo Horizonte

ERNESTO BRAGA

Há menos de três meses, o Anel Rodoviário, por onde circulam 100 mil veículos diariamente, aparecia em primeiro lugar no ranking das vias mais violentas da Grande Belo Horizonte. Em períodos chuvosos, a Polícia Rodoviária Estadual (PRE) registrava uma média de 15 acidentes por dia nos 28,8 km de extensão da rodovia. Com a conclusão do reapecamento do asfalto, no início deste ano, os acidentes caíram pela metade. Segundo o comandante da 7ª Companhia da PRE, major Antônio Pereira Carvalho, o Anel agora aparece em quinto lugar na lista, atrás das avenidas Amazonas, Cristiano Machado e dois trechos da Contorno, todos na capital.

A comparação entre os números de acidentes e mortes registradas no Anel Rodoviário, antes e depois das obras, ainda não foi concluída pela PRE. No entanto, o major Carvalho garante que a tranquilidade é maior entre os motoristas e pedestres que passam pela rodovia, depois da recuperação. "A reforma do asfalto terminou sem período crítico por causa da chuva e por isso ainda não fechamos as estatísticas. Mas hoje não há mais reclamação de pessoas que sofreram acidentes ao desviar de um buraco. Os casos agora são provocados por problemas mecânicos ou imprudência na condução dos veículos", disse.

A velocidade máxima permitida no Anel é de 80 km/h, reduzida para 70 km/h nos cinco pontos onde estão instaladas as lombadas eletrônicas. Porém, o major Carvalho afirma que os limites não estão sendo respeitados em alguns trechos.

"Nossa grande preocupação agora é com o excesso motivado pelas boas condições das pistas. Na rua próxima ao shopping Del Rey (bairro Gaúcho, região Nordeste), os veículos chegam a 150 km/h", afirmou. O policial disse que a PRE realiza frequentemente a operação Trânsito Seguro na rodovia, para cobrar os abusos. "Em dois pontos da operação é entre o KM 1 e o KM 6 (bairro Olhos D'Água, no Barreiro), onde os veículos de carga descem em alta velocidade", ressaltou.

**Atrópeamentos**

O major Carvalho também destacou a importância das novas passarelas construídas no Anel. Três trechos onde os atrópeamentos aconteciam com maior frequência foram destacados por ele: KM 3, próximo à substituição da Comig (bairro Bonsucesso, no Barreiro); KM 23, em frente à unidade da Pontifícia Universidade Católica de Minas (PUC Minas) do São Gabriel (região Nordeste); e KM 25, pouco antes da estrada para Sabará (no bairro Goiânia, também na região Nordeste).

A assessora de comunicação da Superintendência de Desenvolvimento do Capital (Sudcap) informou que cinco das oito novas passarelas estão concluídas. O restante, de acordo com a assessora, ficará pronto até o final deste mês.

**Reivindicação**

O marceneiro Humberto Guimarães Coelho, 47, que há 20 anos mora no Bonsucesso, disse que a passarela que foi colocada no bairro era uma reivindicação antiga dos moradores. "Gostamos de queimar pneus no meio da pista em protesto aos constantes atrópeamentos que ocorrem aqui", afirmou.

"A gente ficava meia hora para conseguir atravessar os dois sentidos do Anel e tinha que se jogar entre os carros. A preocupação maior era com as crianças, que fazem a travessia duas vezes por dia para ir à escola", disse a diarista Célia Cristina Ramos, 27, outra moradora do bairro.

Os motoristas também estão satisfeitos. "Acabou a burrada e a sinalização está muito melhor", ressaltou José Estanislau da Silva, 51, que trabalha numa transportadora. "Sem buraco, o trânsito fica mais solto e o risco de engarrafamentos é menor", disse o técnico em eletrônica Antônio Carlos Nascimento, 53.

As obras no Anel tiveram um custo de R\$ 72 milhões e foram bancadas pela Prefeitura de Belo Horizonte (R\$ 14,5 milhões) e pelo governo federal. O projeto foi doado à administração municipal pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg).

**RECUPERAÇÃO DO ANEL RODOVIÁRIO**

Obras	Recuperação total das pistas e da rede de drenagem	33 concluídas
Colocação de novas placas e pinturas nas pistas	33 concluídas	
Passarelas	No total, oito passarelas novas serão colocadas	

Antes	km	Local	Situação
2	Bairro Bonsucesso	Concluída	
10,2	Bairro Jardim Montanhês	Em construção	
10,5	Bairro Engenho Rogativa	Em construção	
18	Trevo da Av. Carlos Luz (Catão)	Em construção	
19	Trevo do Viaduto São Francisco	Concluída	
19,4	Bairro Universitário	Concluída	
23	Bairro São Gabriel	Concluída	
25,5	Bairro Nazare	Concluída	

**Antes** R\$ 72 milhões, sendo R\$ 14,5 mil do governo federal e R\$ 57,5 mil da prefeitura

**Depois** O projeto, doado à prefeitura pela Fiemg, custou R\$ 212 mil

**REPROTEÇÃO** Pedestres se arriscam em meio aos carros debaixo de passarela

**REPROTEÇÃO** Caminhões estão despejando restos de construção nas margens da via

**Margens são usadas como bota-fora**

Terminada a recuperação do Anel Rodoviário, a Polícia Rodoviária Estadual (PRE) vai trabalhar em parceria com a prefeitura para evitar que as margens da rodovia sejam usadas como bota-fora de entulhos. "Detectamos que alguns caminhões estão despejando terra, areia e outras sobras de construção em alguns pontos do Anel. Com a chuva, esse entulho pode entupir as canalizações e provocar alagamentos na pista", observou o comandante da 7ª Companhia da PRE, major Antônio Pereira Carvalho. Segundo ele, um dos pontos é o KM 10, próximo à BR-040, no bairro João Pires, região Nordeste. "A prefeitura está utilizando um espaço nesse ponto como depósito provisório das sobras da reforma do Anel. Muita gente acha que é uma base de bota-fora e despeja o entulho lá. Mas as sobras que estão nesse local serão levadas para o aterro e a área será gramada", disse o policial.

De acordo com o major, os caminhões que foram flagrados despejando entulhos nas margens do Anel serão autuados. O veículo poderá ficar retido, os telêfones para denúncias são 190, (31) 2123-1003 ou (31) 2123-1026. (E3)

### O SEU DIREITO

Leonardo Girondi, advogado



#### A Pensionista e o receio de se perder a pensão por causa de um novo casamento

Existe um grande receio e até mesmo um mito gerado, simplesmente por falta de informação, de que um novo casamento possa fazer a (a) pensionista perder a pensão previdenciária. É mais incrível ainda é que esse pensamento faz com que muitos deixem de regularizar a sua vida conjugal.

Mas bem diferente do que se fala por aí, a Previdência garante à (a) pensionista o direito de continuar recebendo a pensão mesmo em caso de novo casamento. O que não é permitido é acumular duas pensões. Assim, em caso de falecimento do segundo cônjuge a (a) pensionista poderá optar pela pensão de maior valor e a parte da recebida somente uma.

Na realidade, essa enorme confusão se dá pelo fato de que a outra pensão, aquela denominada alimentícia, que nasce com a separação do casal, realmente cessa com um novo casamento. Fato que não ocorre com a pensão previdenciária por morte.

A pensão previdenciária por morte tem por objetivo assegurar uma renda mensal aos dependentes do segurado quando do seu falecimento. Desta forma podem receber a pensão por morte, a (a) esposa (a) ou companheira (a), filhos menores de 21 anos não-empregados ou incapazes e pais e irmãos não-empregados ou incapazes.

A Previdência ainda reconhece a união estável desde 1991 e incluindo neste rol a união estável de companheiros de mesmo sexo, sendo exatamente igual para os homossexuais e heterossexuais o direito de receber a pensão por morte, desde que comprovada a união.

Outro ponto interessante é que não é necessário cumprir qualquer condição para se ter direito à pensão por morte, necessitando apenas que o falecido seja segurado no momento do óbito.

Gostava de tirar uma dúvida referente ao Seguro Desemprego. Afirmo em trabalhar fez meu acordo com o INSS por um período de 12 meses, e agora há mais de 12 meses que não estou trabalhando. Posso pedir o seguro desemprego? Já fiz o pedido e estou aguardando a resposta. Posso pedir o seguro desemprego se não estiver trabalhando há mais de 12 meses?

(Humberto Lobato)

Infelizmente, o procedimento está correto e a informação repassada pelo funcionário é apenas da média do tempo gasto para fazer uma reafiliação na carteira de trabalho ou no Termo de Rescisão do contrato de trabalho.

Fiquei viúva no ano de 2000. Fui ao INSS para requerer a pensão e me perguntaram se eu tinha filho menor. Respondi que tenho um filho especial e me pediram todos os exames dele e o assentamento com a minha pensão. Então, meu filho especial recebe R\$ 175 de aposentadoria e eu recebo R\$ 175 de pensão. Estou desempregada e pago mensalmente R\$ 70 ao INSS. Quero saber se está tudo certo.

(Josiane Rodrigues)

Na realidade o procedimento da

Envie sua pergunta para a Redação do Super por carta ou e-mail [faleconosuper@supernoticia.com.br](mailto:faleconosuper@supernoticia.com.br)

### ANEL RODOVIÁRIO

Depois das obras, rodovia passou de 1º para 5º lugar no ranking de vias mais violentas de BH

## CAI NÚMERO DE ACIDENTES



Asfalto e sinalização novos contribuem para diminuir acidentes

### COMBATE AOS BOTA-FORA

Terminada a ocupação do Anel Rodoviário, a Polícia Rodoviária Estadual vai trabalhar em parceria com a prefeitura para avaliar que as margens da rodovia sejam usadas como bota-fora de entulhos. Um dos pontos críticos é o KM 19, próximo à BR-040, no bairro João Pinheiro, região Noroeste. "A prefeitura está utilizando um espaço nesse ponto como depósito provisório das sobras da reforma do Anel. Muita gente acha que é uma base de bota-fora e despeja o entulho lá. Mas as sobras que estão nesse local serão levadas para o aterro", diz o major Antônio Carvalho. Os telefones para denúncias são 190, (31) 2123-1903 ou (31) 2123-1926.

Há menos de três meses, o Anel Rodoviário, por onde circulam 100 mil veículos diariamente, aparecia em primeiro lugar no ranking das vias mais violentas de Belo Horizonte. Em períodos chuvosos, a Polícia Rodoviária Estadual registrava uma média de 15 acidentes diários nos 26,8 km de extensão da rodovia. Com a conclusão do reaparelhamento do asfalto, no início deste ano, os acidentes caíram pela metade. Segundo o comandante da 7ª Companhia da PRF, major Antônio Pereira Carvalho, o Anel agora aparece em quinto lugar na lista, atrás das avenidas Amazonas, Cristiano Machado e dos trechos da Contorno, todos na capital.

A comparação entre os números de acidentes e mortes registrados no Anel Rodoviário, antes e depois das obras, ainda

As obras no Anel custaram R\$ 72 milhões e foram bancadas pela Prefeitura de BH (R\$ 14,5 milhões) e pelo governo federal

### ALUNA NOTA 10

A ganhadora da medalha de ouro na 24ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, Gabriela do Amaral Vaz, de 15 anos, foi recebida ontem pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, para ser homenageada. Na época do concurso, que foi realizado em 2006, Gabriela estudava na Escola Municipal Cônego Antônio Cadar, no bairro Providência, região Norte, e esteve entre 14 milhões de alunos participantes. Dentre os cem melhores resultados, a aluna ocupou o 897º lugar.

### SAMU NA UFMG

Aumentou para 20 o número de postos do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) em BH. Foi inaugurada ontem uma base desse serviço no campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que atenderá à demanda intensa da instituição formada por cerca de 35 mil pessoas e também à comunidade dos bairros do entorno. Para atender a unidade, basta ligar 192. São atendidos os casos de emergências clínicas, traumáticas, obstétricas e psiquiátricas.

**OPERADOR DE TELEMARKETING**  
Experiência de 01 ano com telemarketing (ativo); 2º grau completo; boa digitação e informática. Os interessados devem deixar o currículo na Av. Babilônia Camargos, 1645 - Cidade Industrial - Contagem, com o código: TRKT (e impressivel@informar.este.código)

**PROMOTOR DE VENDA**  
Para trabalhar com venda de assinatura de jornal. Experiência de 01 ano com venda externa e 2º grau completo. Os candidatos interessados e que possuem todos os requisitos acima devem comparecer com o currículo no dia 26/03/2007, às 14:00h, na Av. Babilônia Camargos, 1645 - Cidade Industrial - Contagem

### VIADUTO DAS ALMAS

Deputado da Comissão de Transportes, Comunicação e Obras Públicas da Assembleia Legislativa visitou a Brasília nos próximos dias para pedir a liberação de R\$ 17 milhões para as obras de construção do novo viaduto que irá substituir o Via Fica, conhecido como Viaduto das Almas. O novo, integrante da comissão visitaram o local e se mostraram interessados quanto a um possível alvará no repasse do dinheiro. A obra está prevista para terminar no final de 2008. Até agora foram liberados R\$ 9 milhões dos R\$ 28 milhões previstos.

## A difícil tarefa de se definir os gêneros textuais: o artigo de revista

Camila Andrade Reis

A tarefa de se definir e conceituar o mundo não é algo fácil. A dificuldade pode ser manifesta em vários setores da vida humana, e não seria diferente naquilo que se refere à questão dos gêneros textuais. Por mais que existam definições feitas por pesquisadores oriundos dos Estudos da Linguagem e da Linguística Textual e Aplicada, a tarefa de se discutir gêneros midiáticos, dentro das universidades, pode oferecer dúvidas e se tornar um verdadeiro desafio aos graduandos.

Faz-se necessária, portanto, a aferição das características dos gêneros textuais a fim de que se construa certa sistematização e, nesse sentido, o presente trabalho se encarregou de discutir as características do gênero artigo de revista. Baseada muito mais na observação de textos de circulação pública que em conceitos extraídos de teóricos do assunto, foi possível chegar à conclusão de que o artigo de revista é algo um pouco fluido. No entanto, é possível afirmar que o gênero se caracteriza pelo fato de pertencer ao tipo dissertativo, ou seja, caracteriza-se, principalmente, pelo fato de possibilitar a exposição de idéias, o desenvolvimento de raciocínios, o encadeamento de argumentos bem como a tomada de conclusões.

Ao longo da aferição dos prováveis elementos constituintes do artigo de revista, pelo menos quanto à sua estrutura, não foi possível encontrar nenhuma constante. É possível dizer, no entanto, que a maioria apresenta a assinatura do texto pelo seu autor, assinatura essa que pode estar no início ou ao fim do texto. Há outras variáveis passíveis de integrar tal gênero, como por exemplo, a presença do nome da seção da revista, de um título e, no jargão jornalístico, um "olho" (pequena oração retirada do texto que aparece logo após o título do artigo) ou "bigode"

(pequena oração formada por uma informação complementar, que não está presente ao longo do texto).<sup>1</sup>

Houve artigos divididos em tópicos, assemelhando-se em alguns momentos a cartas de leitores respondidas por escritores de uma redação, mas que mesmo assim receberam o nome de artigo. Outros, ainda, eram formados por duas colunas, cada uma contendo posicionamentos contrários acerca de um tema. Quanto ao tamanho, parece não haver consenso: há artigos que possuem uma, duas, ou mesmo meia página. Alguns possuem fotografias que ilustram os textos, outros não.

Se levado em consideração o fato de que todo texto é heterogêneo, ou seja, é formado por várias possibilidades, é possível afirmar que um gênero pode ser composto por mais de um tipo textual, e, nesse contexto, com o artigo de revista não seria diferente. Foi possível encontrar diversas seqüências tipológicas integrando o mesmo texto.

Quanto à função geral do gênero artigo de revista, ou seja, quanto à sua forma de circulação social, pode-se dizer que ela se fundamenta na exposição de um tema qualquer, escolhido pelo autor, geralmente apresentando um caráter crítico-discursivo, levando seu leitor, muitas vezes, a produzir reflexões sobre o texto lido.

Dessa forma, é possível afirmar que o artigo de revista refere-se a uma matéria escrita, na qual, geralmente, o autor expressa sua opinião sobre o tema ou o resultado de estudos ou pesquisas que tenha feito sobre ele. Trata-se, portanto, de um texto predominantemente opinativo, que tanto pode se dirigir ao público em geral, como é o caso dos artigos das grandes revistas de circulação semanal, quanto pode se dirigir a um público específico, no caso de publicações sobre áreas específicas do conhecimento, tais como revistas científicas. É importante ressaltar, no entanto, que a maioria das

<sup>1</sup> LAGE. *Linguagem Jornalística*.

informações aqui encontradas é fruto da observação de um *corpus* de textos denominados artigo de revista.

Para fins de melhor avaliação de suas características, faz-se necessária a anexação de um exemplar do artigo de revista, a fim de demonstrar como tal gênero se comporta nesse suporte. Tal artigo se encontra na "Revista Cult", número 45, publicada em abril de 2001, no quarto ano de sua circulação. Nele, o autor discorre sobre o emprego do advérbio "literalmente", o que também serve de mote para a observação da mudança no uso de determinadas expressões da língua, bem como sobre a quase ausente ironia utilizada hoje em dia para se tratar, de maneira mais sutil, assuntos delicados que se relacionam ao nosso cotidiano.

Foi possível observar no artigo escolhido, além do nome da seção da revista em que ele se encontra ("Na ponta da língua"), o título do artigo ("Literalmente") e o nome do seu autor, o professor Pasquale Cipro Neto. É possível perceber que, como todo gênero textual, o artigo de revista pode apresentar diversas seqüências tipológicas, representadas no texto por momentos descritivos e narrativos, como por exemplo, os momentos em que o autor narra e descreve uma pequena conversa entre um professor e um aluno. Aparentemente, o assunto foi escolhido de maneira aleatória pelo autor, resultando na produção de um texto que expõe, de maneira bastante pessoal, suas impressões sobre elementos e recursos da língua. Pode-se dizer que o professor Pasquale, por escrever em uma revista dedicada à literatura brasileira, direciona seu texto a um público específico e, por isso, parte de pressupostos, como por exemplo, o fato de que todos os seus leitores comungam da informação referente ao comportamento de Jader Barbalho no Congresso Nacional. Tais observações reiteram o já mencionado caráter predominantemente opinativo do artigo de revista.

Embora existam gêneros bastante prototípicos, como o artigo de Pasquale Cipro Neto, há outros que oferecem dificuldades de classificação, geralmente por não apresentarem elementos bem definidos, chegando até mesmo

a certa hibridização de gêneros. É o que acontece com o texto de Millôr Fernandes,<sup>2</sup> escritor e colunista da “Revista Veja”.

Espera-se que um artigo apresente a exposição de um tema (de maneira séria, talvez?), com a opinião de seu autor bem delimitada. Millôr, no entanto, é conhecido pelo tom irreverente de seus textos, tom esse que é empregado até mesmo ao falar de assuntos tidos como sérios, tais como política e economia. Além disso, embora tal opinião seja sempre bem expressa em seus textos, não há necessariamente a exposição de apenas um tema. Muitas vezes, o autor comenta vários assuntos ao mesmo tempo, sem ter que obrigatoriamente apresentar uma progressão lógica. Seus textos nem sempre são discursivos e, muitas vezes, apresentam-se por meio de diálogos ou tópicos.

O texto de Millôr escolhido para exemplificar a ocorrência de gêneros atípicos foi publicado na “Revista Veja”, edição 1963, número 26, do dia 05 de Julho de 2006, no 39º ano de sua circulação. Logo de início, é possível perceber algumas das características do gênero artigo de revista, tais como a presença do “bigode”, o título do texto, a assinatura do autor e, mais importante, a delimitação de sua opinião.

No entanto, é interessante perceber a maneira pouco usual pela qual se dá a progressão do artigo: por meio de tópicos. Eles são dez, e cada um deles faz referência à situação política do país, mesmo que para isso o autor lance mão da ironia e de alusões indiretas. Além disso, os artigos do autor são acompanhados por aquilo que, por hora, chamaremos de “desenhos”, sempre produzidos por ele mesmo. Nesse caso, o desenho não possui mero efeito ilustrativo; ele é parte integrante das críticas feitas pelo autor ao longo do seu artigo. É nesse contexto de crítica produzida com o auxílio de uma ilustração que se pode discutir a

questão de hibridização dos gêneros, levando-se em consideração o gênero charge.

Segundo o “Aurélio”, a charge é uma “representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político e que é do conhecimento público”. Ela pode ser constituída por apenas uma imagem ou mesmo por seqüências de duas ou três cenas, e, ao contrário do que muitos pensam, pode não se apresentar aliada ao humor (esse não é o caso do artigo de Millôr, que geralmente acrescenta humor às suas críticas, caracterizando, assim, a irreverência de seus textos). Nos jornais, a charge geralmente aparece no espaço dedicado aos artigos de opinião, daí ser possível pensar tais gêneros em conjunto.

No texto “Dez décimos da década” acontece o que se pode chamar hibridização de gêneros, fenômeno que se dá quando, ao se aproximar dois ou mais gêneros, há a constatação do caráter movediço de suas fronteiras, resultando no difícil reconhecimento das características de cada um. No artigo em questão, ao mesmo tempo em que é possível perceber a opinião do autor desenvolvida ao longo do texto, há também a ilustração de uma charge, mais um recurso do qual o autor lança mão a fim de enfatizar sua crítica à situação política do país.

Como visto, conceituar os gêneros textuais não é realmente das tarefas mais fáceis. Sejam eles prototípicos ou não, os gêneros se apresentam como tipos relativamente estáveis de enunciados, e esse relativamente é que assegura, muitas vezes, seu caráter de indefinição. Há que se levar em consideração o fato de o gênero não ser algo “engessado” em uma forma pré-estabelecida, daí a importância da situação comunicativa para a sua configuração.

<sup>2</sup> Retirei o texto Literalmente que havia sido escaneado porque não foi inserida a imagem do texto de Millôr. Então é melhor a ausência dos dois textos citados.

## Referências

- FERNANDES, Millôr. "Dez décimos da década". *Revista Veja*, n. 26, São Paulo, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto..* São Paulo: Editora Scipione, 1998.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística..* São Paulo: Editora Ática, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. "Gêneros textuais: definição e funcionalidade". In: *Gêneros Textuais e Ensino..* Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- NETO, Pasquale Cipro. "Literalmente". *Revista Cult*, São Paulo, 2001.

## O que é o gênero entrevista escrita?

Cristiane Paranaguá Alves Pereira

De acordo com o *Dicionário de Análise do Discurso*, "os gêneros remetem à estrutura dos textos e, particularmente, a sua organização enunciativa".<sup>1</sup> Sendo assim, os gêneros variam segundo a sua forma, conteúdo e composição. Entre todos os gêneros que circulam na nossa sociedade, a entrevista escrita será o foco de uma breve exposição.

Sabe-se, que desde muito cedo, as pessoas enfrentam perguntas colocadas por educadores, familiares, psicólogos e empregadores. Seja na mídia impressa ou televisiva, as pessoas podem ter acesso a algum tipo de entrevista. A entrevista escrita é o encontro com alguma pessoa com a finalidade de interrogá-la sobre seus atos e idéias. É o conjunto das declarações com autorização implícita ou formal para publicá-las. A função básica de uma entrevista escrita é transmitir informação e conhecimento; é "obter certos esclarecimentos, divulgar ou elucidar atos, idéias, planos, etc. de um dos participantes".<sup>2</sup>

Entrevistar não é somente fazer uma pergunta, esperar uma resposta e juntar a resposta à outra pergunta. Segundo alguns jornalistas, quase sempre, quanto maior o interesse do jornal em conseguir-la, menor o do entrevistado em concedê-la, e vice-versa. O objetivo é comunicar, é transmitir uma mensagem a todos os leitores que se apropriarão daquele texto.

O entrevistado é quase sempre uma pessoa de destaque, permanente ou circunstancial, e as perguntas não são todas respondidas com boa vontade e disposição, mas conseguidas provavelmente com astúcia e tato por parte do entrevistador. Em quase todas as entrevistas escritas é possível encontrar uma fotografia da pessoa que está sendo

<sup>1</sup> CHARAUDEAU ; MAINGUENEAU. *Dicionário de Análise do Discurso*, p. 249.

<sup>2</sup> FERREIRA. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*.

entrevistada, às vezes em um momento de descontração ou durante a própria fala. A junção da linguagem verbal - que oscila entre a norma culta e popular, dependendo da personalidade em destaque e do grau de formalidade ou informalidade - e não-verbal compõe um todo significativo que contribui para a caracterização desse gênero e para um aspecto visual mais chamativo.

A entrevista é um gênero primordialmente oral. Quando publicada na mídia impressa, na maioria das vezes, a entrevista foi feita oralmente e depois transcrita para publicação. Algumas revistas como *Época*, *Veja* e *Isto é*, possuem uma parte chamada "Entrevista" e costumam ter mais de duas páginas. Outras se apropriam da fala de uma pessoa para ilustrar uma reportagem ou artigo.

Na revista *Veja* do dia 24 de março de 2004, por exemplo, foi publicada uma entrevista com o cantor Zeca Pagodinho. O primeiro parágrafo é descritivo, ou seja, possui uma caracterização e identificação do entrevistado: nome (Zeca Pagodinho), idade (44 anos) e profissão (o mais bem-sucedido sambista do país); seguido pelo por quê da pessoa em questão estar sendo entrevistada. No caso do texto em questão, o cantor tenta explicar por que rompeu com a Schincariol e virou garoto-propaganda da Brahma. Um fato que gerou muita polêmica e discussão na época. Logo em seguida, surge a entrevista propriamente dita, com o jogo de perguntas / respostas pelo entrevistador / entrevistando.

O modelo canônico de entrevista é composto de no mínimo duas pessoas, cada uma com papel específico: o entrevistador, ou seja, aquele que é o emissor das perguntas; e o entrevistado, aquele que é o responsável pelas respostas. Sendo assim, de acordo com Marcuschi,<sup>3</sup> a organização básica da entrevista é:

*Entrevistador: pergunta (estabelece um tópico)*

*Entrevistado: responde (em relação ao tópico proposto)*

<sup>3</sup> MARCUSCHI. *Revistas Brasileiras em Letras e Linguística*.

*Entrevistador: pergunta (sobre o mesmo ou outro tópico)*

*Entrevistado: responde (em relação ao posto)*

Os textos considerados entrevistas são caracterizados por terem essa estrutura de "perguntas e respostas". Entretanto, existem os gêneros atípicos da entrevista, ou seja, aqueles gêneros que se afastam do modelo e estrutura básica de entrevista, mas que não perdem o sentido característico do tal gênero. O próprio Marcuschi<sup>4</sup> enfatiza a existência de gêneros atípicos:

*(...) há eventos que parecem entrevistas por sua estrutura geral de pergunta e resposta, mas distinguem-se muito disso. É o caso da "tomada de depoimento" na Justiça ou do inquérito policial. Ou então um "exame oral" em que o professor pergunta e o aluno responde. Todos esses eventos distinguem-se em alguns pontos (em especial quanto aos objetivos e a natureza dos atos praticados) e assemelham-se em outros.*

Um exemplo de gênero atípico de entrevista foi retirado da revista *Isto é*, do dia 13 de setembro de 2006; da parte intitulada de A Semana. A entrevista foi realizada com a cantora Sandy, durante uma sessão de fotos feita por J. R. Duran.

Apesar de não ter sido publicada na seção regular de entrevista da revista *Isto é*, com o espaço e a apresentação padronizada, percebe-se que o sentido característico do gênero entrevista escrita foi mantido. Primeiramente, há uma apresentação e uma contextualização da pessoa a ser entrevistada: "Loira e com a maquiagem borrada pelas lágrimas, esta é a cantora Sandy, em cena de um ensaio de fotos feito por J. R. Duran para a revista *RG Vogue*".<sup>5</sup> Há também uma fotografia do entrevistado. Analisando a linguagem não-verbal, percebe-se que elementos como lágrimas e mudança de visual, mais especificamente, o uso de uma peruca loira. Pode-se supor então, que a entrevista trará depoimentos relacionados à personalidade e à identidade da cantora, ou até mesmo as suas próprias angústias.

<sup>4</sup> MARCUSCHI. *Revistas Brasileiras em Letras e Linguística*.

<sup>5</sup> ISTOÉ... 2006.

Seguindo o modelo de Marcuschi,<sup>6</sup> a organização básica dessa entrevista seria:

*Entrevistador*

- *RGVogue: pergunta*

*Entrevistado - Sandy: "Tenho medo do meu sucesso acabar. Tenho pavor desse dia".*

*Entrevistador - RGVogue: pergunta*

*Entrevistado - Sandy: "O medo é tanto que aos 13 anos ganhei uma gastrite".*

Para dar mais credibilidade à publicação, algumas citações feitas pela cantora foram editadas. O próprio título do texto leva o leitor a atribuir mais importância ao contexto, pois, certamente, chama a atenção ao que a revista considera mais interessante e polêmico.

O objetivo desta entrevista atípica é apresentar uma informação "nova" a respeito de uma pessoa pública, a cantora Sandy. É importante salientar que uma publicação sempre está ligada à sua audiência, ou seja, aos leitores, espectadores e ouvintes; e que embora não participe diretamente da entrevista, está sempre presente para o entrevistador e o entrevistado.

## Referências

CHARAUDEAU P. & MAINGUENEAU D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2º ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FERREIRA, Aurélio B. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*: Nova Fronteira, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio.. *Revistas Brasileiras em Letras e Linguística. Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*. Fortaleza: , v.25, p.63 - 105, 2000.

REVISTA ISTOÉ. São Paulo, n. 1925, set. 2006.

REVISTA VEJA. São Paulo, n. 1925, abr. 2004.

<sup>6</sup> MARCUSCHI. *Revistas Brasileiras em Letras e Linguística*.

## Carta do leitor

Aline Medeiros

Este trabalho tem por objetivo, baseado em algumas teorias a respeito dos gêneros textuais, analisar e refletir alguns aspectos do gênero “carta do leitor”. Nos orientarão os pressupostos teóricos de Bakhtin e de outros teóricos estudados, para se apresentar um conceito de gênero. A partir daí, pode-se pensar que gêneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciado, que possui um papel discursivo, uma função sócio-comunicativa, um valor social e histórico em relação às diferentes formas de linguagem que circulam socialmente, sejam essas mais formais ou informais. Ou seja, os gêneros nascem na sociedade e para a sociedade; logo, modificam-se de acordo com as mudanças que essa sociedade sofre ou de acordo com as necessidades de uso que essa sociedade possui. Conforme Bezerra,<sup>1</sup> os gêneros textuais são textos empiricamente realizados na forma materializada (tais como artigo, entrevista, notícia, receita e tantos outros), situados no tempo e no espaço. Segundo Marcuschi,<sup>2</sup> sua definição é de natureza sócio-comunicativa, baseada em parâmetros pragmáticos e discursivos, visto que sua sedimentação se dá através de práticas sociais desenvolvidas e testadas para atingir propósitos comunicativos.

Os gêneros textuais (GTs) podem ser identificados por meio de algumas características formais que, segundo Marcuschi,<sup>3</sup> são: canal, estilo, conteúdo, composição e função. Além dessas há outras também relevantes tais como: tipo de linguagem, vocabulário, público-alvo, suporte, dentre outros aspectos.

Com base nessa tentativa de definição a respeito dos GTs, consideraremos um desses gêneros: a carta do leitor,

<sup>1</sup> BEZERRA. Por que as cartas do leitor em sala de aula?.

<sup>2</sup> MARCUSCHI. *Gêneros Textuais & Ensino*, p.43.

<sup>3</sup> MARCUSCHI. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação* p.19.

cuja função, “necessidade e atividades sócio-culturais” parecem ser bem definidas por Melo:<sup>4</sup>

*A carta do leitor é um texto que circula no contexto jornalístico, em seção fixa de revistas e jornais, denominada comumente de cartas, cartas à redação, carta do leitor, painel do leitor, reservada à correspondência dos leitores. É um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem (o leitor e a equipe da revista/jornal, respectivamente), atendendo a diversos propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar entre outros.*<sup>5</sup>

Apesar de apresentar, comumente, uma forma prototípica, estrutura semelhante à carta pessoal: local, data, vocativo, corpo do texto (assunto), expressão cordial de despedida e assinatura, ela não é da mesma natureza desta, nem de nenhum outro “modelo” de carta (carta ao leitor, carta circular, carta-pedido, entre outras), pois cada modelo “circula em campos de atividades diversos, com funções comunicativas variadas”.<sup>6</sup>

Essas diferenças na funcionalidade também aparecem dentro de um mesmo gênero, como se pode perceber no gênero analisado neste trabalho que, de acordo com Santhiago,<sup>7</sup> pode ser dividido em 3 grandes grupos, que se distinguem principalmente pelo objetivo a ser atingido de cada um desses grupos.

O primeiro desses grupos é denominado direito de resposta que comporta cartas de pessoas ou empresas que, asseguradas pelo artigo 5º, inciso V da Constituição Federal, têm o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização, pelo dano material, moral ou à imagem. Apesar de a maioria das pessoas só conseguirem direito à resposta em um espaço menor ao que lhe é devido, com seu texto compactado, é relevante ressaltar que não é a intenção deste trabalho discutir os direitos e deveres da imprensa e do público.

<sup>4</sup> MELO. *A opinião do Jornalismo brasileiro*, p.1.

<sup>5</sup> BEZERRA. Por que as cartas do leitor em sala de aula?, p. 210.

<sup>6</sup> BEZERRA. Por que as cartas do leitor em sala de aula?, p. 210.

<sup>7</sup> SANTHIAGO. *Outras vozes pela cidadania*, p.6-7.

Como exemplo da carta de direito de resposta, temos a missiva escrita pelo Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz, publicada no site "Mídias sem cara",<sup>8</sup> em 17/04/2004, em resposta à matéria "A guerra dos embriões. Mulheres pobres são impedidas de interromper gestações inviáveis por cruzada religiosa" publicada na Revista Época.

#### Ex 1.

Anápolis, 16 de março de 2004.

Senhor Editor

(epoca@edglobo.com.br)

Com base no artigo 5º, inciso V, da Constituição Federal, gostaria de exercer meu direito de resposta em relação à matéria publica nas páginas 68 a 72 da edição de 15/03/2004, intitulada "A guerra dos embriões".

O fato de eu ser sacerdote não impede que eu seja cidadão. Constitui discriminação religiosa (como se não bastasse a discriminação contra os deficientes) a declaração do Ministro Celso de Mello de que eu, por ser sacerdote, não poderia ter impetrado Habeas Corpus em favor de alguém, nascido ou por nascer, ameaçado de sofrer violência.

Os argumentos utilizados em minha petição não foram teológicos, mas jurídicos. Por isso, com razão foram acolhidos pela Ministra Laurita Vaz, do STJ, e confirmados pela Quinta Turma, no sentido de impedir o abortamento do bebê doente, que constituiria crime.

A decisão proibitiva da Justiça foi salutar para a gestante, como ela própria o confessou. Deu-lhe tempo para refletir, chegando à conclusão de que sua decisão de abortar estava errada.

O recurso impetrado pelas feministas para cassar a decisão do STJ foi totalmente descabido. A gestante já havia desistido do aborto e acolhido o bebê, mas as militantes insistiam diante do Supremo, dizendo que o casal sofria uma profunda angústia por causa da proibição judicial.

É falsa a afirmação, colocada como legenda em minha fotografia (p. 71), de que eu costumo "atirar embriões de borracha sobre supostos adversários".

É falso também que as gestações de bebês gravemente doentes sejam "gestações de risco". Pode haver risco por outros motivos, mas não por causa da anomalia da criança por nascer.

Por fim, a história de Deuseli Vanines, à página 72, está mal contada. Ela havia engravidado em razão de um estupro, mas desistiu de abortar. Após o parto, ela apaixonou-se pela criança e tratava-a com um carinho especial, que impressionava os vizinhos. Acometida de um ataque de epilepsia, ela afogou o bebê em uma banheira. Tal fato nenhuma relação teve com o estupro sofrido anteriormente. Também não é verdade que depois Deuseli engravidou "para reparar o mal".

Lamento que a revista tenha consumido cinco páginas com o fim exclusivo de fazer apologia da morte.

Atenciosamente,

Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz

RG 3566053-9082280 DGPC-GO

Pró-Vida de Anápolis

Caixa Postal 45675001-970 – Anápolis – GO

Fone/Fax: (62)321-0900º

Uma segunda categoria, classificada como carta-opinião, os leitores se dirigem de forma clara e direta à revista ou ao jornal e devem fazer uma breve contextualização ao longo da argumentação como referência ao texto (autor e título) ou matéria referida, assim, a reação do leitor seja de aprovação ou desaprovação é propositalmente explícita. O autor se manifesta de formas diversas: elogios, sugestões, correções, solicitações, críticas direcionadas a alguma matéria ou posicionamento do meio de comunicação, mas não à publicação em sua totalidade e outros casos.

Para exemplificar observemos as cartas que se seguem.

#### Ex. 2

Meu nome é Eduardo Cunha, moro em Belém do Pará e sou leitor assíduo e voraz da revista CULT. Gostaria de parabenizar a revista pelo brilhante dossiê sobre Hannah Arendt. Gostaria, no entanto, de alertar que na página 57 o autor, Elie Cohen-Gewerc, faz referência à célebre citação de Blaise Pascal, "o coração tem razões que a própria razão desconhece", dando a entender que seria uma frase de autor desconhecido. Creio ser mais seguro lembrar ao leitor, que tanto aprende com a revista, a autoria da frase.

Eduardo Cunha, por e-mail

(Revista CULT, março de 2006. Edição Especial)<sup>10</sup>

#### Ex.3

HERÓIS

Excelente o artigo 'Heróis' de Dulce Critelli, no caderno Equilíbrio de 19/04. O que esperar mais de um país em que um cidadão que nem falar corretamente sabe recebe todas as honras de heróis apenas por ter passado algumas horas na

<sup>8</sup> ÉPOCA... 2004.

<sup>10</sup> CULT... 2006.

vadiagem, mostradas ao público pela telinha da Globo e comtemporizada pelas revistas de fofocas?”

José Eugênio Cogo Mauá, SP

(Jornal Folha de São Paulo 21 de abril de 2007)<sup>11</sup>

#### Ex.4

Lamentável a seção “Vale reeditar” [edição 1, pág. 10] que abre com “Sócrates, como se sabe, era um elitista empedernido...”. Baseado em que o autor do texto diz isso? Nos relatos de Platão, de Xenofonte? Numa publicação que quer ser sobre livros e estar entre eles, é uma vergonha que uma bobagem tão grande seja publicada”. Seus vícios e virtudes”. Francamente! Como se fosse possível traçar esse tipo de retrato de uma figura que vive em todo um outro sistema episteme e sobre quem só conhecemos relatos de terceiros.

Juliana Fauto, Rio de Janeiro, RJ

(Revista Entre Livros, Julho de 2005)<sup>12</sup>

#### Ex.5

DIETAS

Em uma época em que somos bombardeados diariamente com informação de dietas mirabolantes, Veja nos presenteia com reportagem de alto nível sobre o assunto. Uma verdadeira enciclopédia de saúde. Parabéns!

Edna Rodrigues de Andrade, São Gabriel, ES

(Revista Veja, 28 de março de 2007)<sup>13</sup>

Apesar de haver o requisito de contextualização como referência ao autor e título e ao texto ou matéria, observa-se que, como no exemplo 5, a carta apresenta apenas nessa contextualização o tema do texto. Outra observação pertinente: percebe-se que nem todos os elementos da estrutura típica ordenada de uma carta aparecem, e quando aparecem, estão em uma disposição diferente da habitual visto que é comum o veículo editar a carta publicando apenas o corpo ou parte dela ou o próprio leitor pode ignorar, ao redigir, algum dos elementos. Isso pode ser explicável pelo conceito denominado grau de generalidade, isto é:

<sup>11</sup> FOLHA... 2007.

<sup>12</sup> ENTRE LIVROS... 2005.

<sup>13</sup> VEJA... 2007.

a variação da recorrência ou não de certos traços em um gênero textual. Conforme esses traços variam ou se mesclam com traços de outros gêneros em um texto, como é bem comum em propagandas, por exemplo, pode ser dificultoso determinar a qual gênero tal texto pertence. Logo, pode-se concluir que a presença ou a ausência de um determinado traço não caracteriza ou descaracteriza a classificação de um texto como pertencente a um determinado gênero, já que é o conjunto [grifo da autora] dos traços relativamente estáveis de um texto que o definem como pertencente ao um determinado gênero.<sup>14</sup>

Retomando as ausências de certos traços nos exemplos apresentados, pode-se perceber que não há maiores dificuldades para identificá-los como pertencentes ao grupo carta-opinião. A partir disso, podemos inferir que, para a identificação de um gênero, o mais importante é sua função e não a sua forma. Essa afirmativa não significa que se deve desconsiderar a última, mas valorizar a primeira.

Na carta-manifestação, terceira categoria analisada, as correspondências dos leitores abordam temas atuais em discussão na sociedade, tratados pela revista ou jornal em edições anteriores, sem referência direta à matéria publicada ou ao tratamento dado pelo veículo, como se pode observar abaixo:

#### Ex.6

Confesso que tinha má impressão do político José Roberto Arruda desde seu envolvimento, como senador, no escândalo da violação do painel de votações do Congresso Nacional, fato que, na ocasião, resultou em sua renúncia. Entretanto, devo admitir e reconhecer que o hoje governador do Distrito Federal realiza um grande trabalho ético-administrativo na capital do país. Parabéns governador. Carlos Antônio Coimbra, Natal, RN (Revista Veja, 21 de março de 2007)<sup>15</sup>

#### Ex.7

Impávido colosso

Em meio à tristeza trazida pelos péssimos indicadores da educação no Brasil, faço notar a esperança de que o momento é propício para se pensar na construção de algo novo. Professores e diretores bem remunerados e atendidos por um programa nacional de intercâmbio de experiências terão mais segurança no exercício da autonomia. Acostumados que somos aos monopólios de poder e de informação, não será do dia para noite que aprenderemos a pensar por nós mesmos. Mas com essa

<sup>14</sup> ASSIS. *Produção, recepção e interação textual*: tipos e gêneros textuais.

<sup>15</sup> VEJA... 2007.

*realidade em mente, os profissionais da educação poderiam eleger como prioridade, além da também importante educação instrumental (matemática, ciências), estimular os alunos para o desenvolvimento da sua capacidade crítica e a valorização das idéias locais. Os alunos de hoje são os educadores de amanhã, e penso nisso vislumbrando uma sociedade que valorize os profissionais do Ensino Fundamental assim como valoriza os "do-to-rês" de hoje.*

*Ricardo Poppi, Brasília, DF*

*(Revista Carta Capital 25 de abril de 2007)<sup>16</sup>*

### Ex. 8

*Taxa deveria ter valor igual para todos*

*Será que o Congresso Nacional nunca vai acordar para o abusivo valor cobrado anualmente sob a rubrica Imposto sobre a Propriedade de Veículo Automotor (IPVA)? Na aquisição do veículo novo, a carga tributária é de quase 50% do seu valor e esta deveria ser única em toda vida útil do carro. E até admissível, a exemplo do seguro obrigatório, uma pequena taxa, uniforme, independentemente do valor comercial do veículo, não procedendo a cobrança de valores diferentes, visto que os danos causados às vias públicas são idênticos. É atribuição legislativa sanar a falha.*

*Humberto Schuwartz Soares, Vila Velha, ES*

*(Jornal Estado de Minas, 23 de abril de 2007)<sup>17</sup>*

É importante observar que a subdivisão "carta manifestação" é a que mais se distancia das características da carta do leitor, principalmente em sua estrutura formal (ausência da estrutura básica da carta e, principalmente, contextualização da matéria da revista ou jornal), visto que, em muitos exemplos, o texto se assemelha ao gênero textual artigo de opinião em que o autor tem como principal objetivo expressar seu ponto de vista sobre um tema atual, em discussão na sociedade. O gênero carta do leitor, assim como o gênero artigo de opinião apresenta, geralmente, maior carga de intenção persuasiva, já que a carta tem como foco a manifestação do leitor e, conseqüentemente, uma espécie de necessidade de adesão a essa manifestação. Por sua vez, o artigo de opinião analisa criticamente acontecimentos de ordem social, política e cultural, logo, como formador de opinião esse gênero também busca persuadir o leitor.

<sup>16</sup> CARTA... 2007.

<sup>17</sup> ESTADO...2007.

Entretanto, é importante ressaltar uma diferença fundamental entre esses dois gêneros: pressupõe-se que a carta do leitor seja um texto calcado na contextualização, um texto "dependente", uma resposta a outro texto do jornal ou revista. Já o artigo é um texto que não necessariamente faz citação a matéria jornalística, ou seja, o artigo de opinião não está atrelado a outros textos de forma explícita como ocorre na carta do leitor.

Como podemos perceber nos parágrafos anteriores, o grau de generalidade nem sempre é alto, ou seja, nem sempre podemos determinar qual é o GT somente por meio dos traços pré-determinados pertencentes a certo gênero, presentes em um texto; daí emerge a importância de aspectos formais como o suporte, pois ao ser publicado na seção "painel do leitor", por exemplo, um texto, mesmo sem apresentar todas as características pressupostas do gênero carta do leitor, será recepcionado pelo leitor com base no nome da seção do periódico, assumindo, assim, esse papel enquanto gênero textual.

Apesar de haver subdivisões no gênero carta do leitor, pode-se perceber, geralmente, uma intenção persuasiva como ponto de interseção entre essas subdivisões, pois esse gênero, também chamado de carta argumentativa do leitor, exerce uma função social calcada na liberdade de expressão e opinião tanto individual, quanto coletiva. A imprensa, canal que presa pela liberdade de informação e de manifestação de pontos de vista, pelo menos teoricamente, tende a abrir espaço ao leitor para que ele se manifeste, o que comprova a função sócio-comunicativa do gênero. Além disso, pode-se perceber a consciência que o falante da língua naturalmente (por meio de sua experiência dentro da sociedade) tem dessa função, pois mesmo sem o conhecimento teórico das formas e estruturas, ele reconhece suas funções e gênero na sociedade e faz uso delas.

Cientes da existência de várias correntes teóricas que discutem a questão dos gêneros e das controvérsias quanto à criação de um "manual" de gêneros, é importante ressaltar que se propõe, aqui, apenas uma tentativa de sistematização

de algumas características do gênero estudado, com a finalidade de facilitar a maior compreensão dessas características pelos falantes, e, aplicá-las, principalmente, ao ensino da Língua Portuguesa.

## Referências

- ASSIS, K. N.S. *Produção, recepção e interação textual: tipos e gêneros textuais*. Material didático próprio não publicado cedido pela autora, 2007.
- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- BAKHTIN, M. M. PEREIRA, Maria Ermantina Galvão Gomes. *Estética da criação verbal*. São Paulo: 1992.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que as cartas do leitor em sala de aula? In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et.al. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2002
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição brasileira, 1988*. Lei nº 5250, Lei de Imprensa, texto constitucional de 09 de fevereiro de 1967. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, Tereza Cochar. *Texto e interação: Uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Atual, 2000.
- DIONÍSIO, A. P. (Org.) ; BEZERRA, M. A. (Org.) ; MACHADO, A. R. (Org.) *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: *Gêneros textuais e Ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005
- DIONÍSIO, A. P. (Org.) ; BEZERRA, M. A. (Org.) ; MACHADO, A. R. (Org.) Por que cartas do leitor na sala de aula. In: *Gêneros textuais e Ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005
- MELO, José Marques de. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985]
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro : Editora Lucerna, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir et al. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória: Kaygangue, 2005. Cap. 1, p. 17-34.
- SANTHIAGO, R. Outras vozes pela cidadania – Aspectos da interação leitor/publicação no espaço de cartas do leitor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro : Intecom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação– UERJ.
- CULT. São Paulo, mar. 2006. Edição Especial
- CARTA CAPITAL. São Paulo, abr. 2007.
- ENTRE LIVROS. São Paulo, jul. 2005.
- ÉPOCA. São Paulo, n. 304, mar. 2004.
- ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, abr. 2007.
- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, abr. 2007.
- VEJA. São Paulo, mar. 2007.
- MÍDIA. Disponível em: <<http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=1684>>. Acesso em: 28 mar. 2007.
- REPOSCOM. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17028/1/R0245-1.pdf>>. Acesso em : 13 mar. 2007.

## Cartas do leitor: a voz de quem leu

Josely de Jesus

Para Bakhtin, carta é um gênero primário do discurso, é uma unidade funcional da língua, empregada em situações características – ausência de contato imediato entre emissores e destinatário. O gênero carta é abrangente. O corpo da carta permite qualquer tipo de comunicação.

Segundo Silva,<sup>1</sup> o gênero carta é um gênero discursivo que permite uma variedade de tipos de comunicação, como por exemplo: pedido, agradecimentos, conselhos, desculpas, informação, intimação, etc. Embora essas categorias sejam todas do estilo carta, não são da mesma natureza, pois apresentam várias funções diferentes e o campo de circulação também é diferente. Dessa maneira estes tipos de carta podem ser considerados subgêneros do gênero “carta”, pois em sua estrutura há traços comuns: contato, núcleo da carta e despedida, porém classificam-se de acordo com suas intenções.

O subgênero cartas do leitor é um texto que circula no contexto jornalístico em seção fixa de jornais e revistas. Esse tipo de carta é utilizado em situação de ausência de contato entre remetente e destinatário (leitor / jornal) que visa atender intenções comunicativas como, por exemplo: opinar, reclamar, solicitar, etc. É um gênero aberto ao público, pois não se destina a uma pessoa específica, e sim ao público em geral.

As cartas dos leitores transformam-se no termômetro que dá o posicionamento do grau de sucesso dos artigos publicados nos jornais, pois os leitores reagem positiva ou negativamente ao que lêem. Elas propiciam ainda que os leitores interajam com o jornal dando a este uma idéia das expectativas em relação à linha editorial. Essas cartas

<sup>1</sup> BEZERRA. Por que as cartas do leitor em sala de aula?.

constituem-se, sobretudo, em um dispositivo eficaz de divulgação de problemas.

Cartas à redação nada mais são do que a expressão do desejo de um leitor que não pode e não deve ser ignorado; devido a essa importância pode-se verificar que não existe jornal ou revista onde não exista essa seção. Isso se dá porque é esse o meio onde há a principal possibilidade de contato do leitor com a redação, visto que o contato telefônico é pouco utilizado.

O volume de cartas que chegam diariamente às redações dos jornais, revistas e *sites* é muito grande e confirma a hipótese de que as seções de cartas de leitores são consideradas como espaço de opinião. A iniciativa de manifestação por parte do leitor é imprescindível porque, influenciado pelas tendências das matérias, esse leitor deve utilizar-se de suas estratégias, não deve e não pode ser passivo, conformado. Deve, todavia, continuar a escrever para as publicações, no intuito de exercer a cidadania.

Devido ao alto volume de cartas recebidas, as redações fazem uma seleção a respeito do assunto, pois não há como publicar todos. A algumas vezes, são feitos também ajustes lingüístico, ortográfico, adequando o texto à situação e ao tema da reportagem. Isso significa que inúmeras cartas não são ajustadas e as que são, podem ter sofrido modificações. Esse gênero tem estrutura discursiva bastante definida, pois apresenta propriedades formais do texto, em que observa o modo de organização da informação estruturado em formas convencionais que possui a língua para organização do discurso.

Carta do leitor possui marcas de interação que revelam que o enunciador age visando um envolvimento multiorientado, dado que envolve: seu interlocutor (o leitor a quem a carta está dirigida e aos prováveis leitores do jornal / revista); o tópico discursivo em desenvolvimento (o assunto tratado na carta); práticas sociais específicas (na carta, o contato pessoal). As marcas de interatividade nas cartas atuam como operadores de orientação cognitiva, evidenciando

perspectivas de interação preferencial por parte do escrevente / locutor. Além de marcas estilísticas, são de ação com a linguagem que estabelecem contatos, fazem negociações, propostas e definem posicionamentos para uma relação intersubjetiva eficaz.

Para exemplificar o gênero cartas à redação, serão expostas duas cartas destinadas à revista *Veja* sobre uma matéria que tratava de encontros e namoros virtuais. As referidas cartas trazem opiniões divergentes sobre o assunto. A primeira faz um comentário em apoio ao que foi dito na revista. A segunda discorda da matéria e expõe seu ponto de vista ao assunto; nela o namoro é muito mais emocionante e eficaz na vida real. Eis as cartas:

*O tema namoro pontocom pela primeira vez foi abordado com uma conotação positiva. Estamos vivendo uma mudança no paradigma das formas de construir um amor. Só não vê quem não quer*

*(Rosângela Maria /Umuarama, PR)<sup>2</sup>*

*Entre o virtual e o real há fronteiras intransponíveis. Conheci os dois lados, e não há nada mais excitante que o real. Bom mesmo é poder usar todos os sentidos procurar namoro, sexo e companhia – isso só é possível no real.*

*(Antônio Marcos Murta / Belo Horizonte, MG.)<sup>3</sup>*

Através desses dois exemplos podemos ilustrar a tipicidade do gênero cartas do leitor. São cartas que visam, expor a opinião a respeito de algum artigo da revista. Basicamente, o padrão se concentra no texto do leitor (que foi editado pela equipe da revista) em que ele se posiciona a favor ou contra algum assunto, em seguida coloca-se o nome, a cidade e o estado a que pertence esse leitor. Não há comentários da revista, pois acredita-se que outros leitores façam o julgamento do que foi escrito.

Após verificar vários estilos de revista, que atingem também um amplo público que se enquadra desde jovens, mulheres, apaixonados por carros, adolescentes, etc. Pôde-se

<sup>2</sup> VEJA... 2002.

<sup>3</sup> VEJA... 2002.

concluir que basicamente todas têm a seção de cartas dentro de um mesmo padrão, o que chamamos de típico, pois ocorre frequentemente.

É possível encontrar seção de cartas que fogem a essa regra, embora seja preciso realizar uma pesquisa minuciosa. Esse gênero atípico em cartas do leitor foi encontrado em uma revista destinada às crianças e pré-adolescentes: *Ciência Hoje das Crianças*. Na seção destinada aos pequenos leitores, as cartas fazem elogios à redação, aos artigos, mas também há solicitação de que a revista divulgue o seu endereço para que possam fazer novos amigos, expõe suas preferências e gostos. Porém, o que se tornou mais atípico no gênero foi o fato que a revista se comunica com os leitores em cada carta individualmente. Os editores publicam o endereço do leitor quando este solicita e ainda fazem comentários a respeito da carta. Esse procedimento é bem incomum na seção de cartas do leitor. Pode-se destacar também como atípica a solicitação de divulgação do endereço, porque no gênero típico mesmo existindo nome, cidade e estado, o leitor ainda assim mantém um certo afastamento com os outros leitores. E isso não acontece no gênero atípico, pois, além de divulgar o endereço o leitor ainda espera um contato de amizade com os outros leitores.

A exemplificação será feita mediante a exposição de duas cartas da referida revista.

#### *LOUCO POR CIÊNCIA*

*Querida CHC quero dizer que adoro suas matérias, pois sou louco por animais e pela ciência. Gostei muito do artigo Os microvilões, publicado na CHC 130. Quero pedir que publiquem meu endereço na revista. Estou a fim de fazer amizade com pessoas novas.*

*Paulo Izidório da Conceição Luz. Rua Pedro da Silva Oliveira 165, Centro, 4849000, Inhambuque/BA*

*Esperamos que você faça muitos amigos, Paulo. Abraços. <sup>4</sup>*

#### *RECADO VERDE*

*Oi, CHC! Amo esta revista interessante. Adorei a matéria sobre o peixe-boi, publicada na CHC 107. Quem gosta de poesia, música, desenho e natureza é só me escrever. Espero responder todas as*

<sup>4</sup> CIÊNCIA... 2004.

*cartas. Gostaria de mandar um recado para quem destrói a natureza:  
Vamos ficar sem o nosso verde!  
Marisol Xavier. Rua Açucena 375, Jardim da Paz, 39314000, Chapada  
Gaucha/MG.  
Valeu o recado, Marisol. Beijos!<sup>5</sup>*

Após a ilustração desses exemplos, podemos concluir que cartas à redação se caracterizam pela manifestação de leitores a respeito das reportagens e documentários exibidos em jornais e revistas. Existem vários títulos de revistas para diferentes faixas etárias e, em todas, elas pode-se encontrar uma seção destinada exclusivamente aos leitores. É nesse espaço que as pessoas demonstram sua opinião, indignação, reclamação, solicitação, etc.

Como todo gênero, essas cartas seguem um modelo, uma estrutura específica que faz com que sejam identificadas e categorizadas rapidamente; isso acontece mesmo nos casos em que há uma ruptura desse modelo, uma fuga da tipicidade, pois a base estrutural ainda permanece caracterizando-o como tal.

## Referência

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que as cartas do leitor em sala de aula? In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et.al. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2002

VEJA. edição 1779, novembro de 2002.

CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS. ano 17 Nº 147, junho de 2004.

<sup>5</sup> CIÊNCIA... 2004.

## Carta ao leitor: que gênero é esse?

Eliéverton Cristiano dos Santos

“Carta ao leitor” é um gênero utilizado em revistas e periódicos de cunho jornalístico cujo objetivo é apresentar e informar ao leitor os temas gerais das reportagens e artigos ou da matéria de capa de uma determinada edição desse periódico. Quanto à sua forma, distancia-se do formato que tradicionalmente se espera de uma carta. A “Carta ao leitor” não apresenta, de modo geral, em sua estrutura local e data, nem um vocativo, nem despedida.

É uma carta que tem por vocativo o próprio nome, por ser endereçada “ao leitor”. Quanto à típica despedida das cartas, não se faz necessária no gênero em questão, pois a “Carta ao leitor” se apresenta à semelhança de um artigo de jornal e vem, geralmente, no início do periódico, depois do Editorial. Do mesmo modo, a “Carta ao leitor” não é, em geral, assinada pelo remetente, pois nesse caso o remetente é o próprio veículo.

Em alguns casos, como acontece na Revista Veja – periódico de grande circulação nacional –, a “Carta ao leitor” assume o papel de Editorial. Quando isso ocorre, ela tem por função expor o ponto de vista da publicação em relação a variados assuntos de cada edição. Nesse caso, a “Carta ao leitor” continua não sendo assinada ou passa a ser assinada pelo Editor Chefe, que responde e fala em nome do periódico, ou seja, a sua opinião passa a ser a opinião do periódico sobre determinado assunto. Verifica-se que ela se aproxima muito e por vezes se confunde com o Editorial – isso quando não assume completamente o papel deste, como no caso da Veja, dada a forma, a função, a disposição em que ambos aparecem, ou seja, antes de reportagens e artigos e o veículo em que circulam.

Além disso, pode apresentar outra classificação. A “Carta ao leitor” se for uma correspondência enviada pelo correio, com destinatário e remetente, com comunicados e mensagens ao leitor ou assinante de determinado jornal,

revista, periódico, deve ser classificada como pertencente ao gênero “Carta” por ter a função de comunicar informações importantes a esse leitor, que pode ser um assinante. Essa carta pode conter, por exemplo, uma mensagem de cobrança, uma mensagem anexa a um cartão de fidelidade, felicitações pelo aniversário do leitor ou informações para que o leitor possa continuar recebendo em sua casa determinado periódico, já que a assinatura pode estar chegando ao fim. Quanto à forma, teremos a das cartas tradicionais, com local e data, um vocativo, o corpo do texto contendo a mensagem, uma despedida formal – pois será uma carta comercial – e assinatura do remetente, nesse caso, geralmente, assinará um gerente para representar o periódico.

Apesar desta última possibilidade, nosso objetivo de trabalho será a primeira, a Carta ao leitor que se quer Editorial.

De acordo com o estudo realizado por Rose Pereira e Thais Rocha,<sup>1</sup> José Marques de Melo, em seu livro *A opinião do jornalismo brasileiro*, que o Editorial apresenta quatro características específicas: a impessoalidade, a topicalidade, a condensabilidade e a plasticidade. Assim as autoras definem essas quatro particularidades:

### • Impessoalidade

É característico do editorial, por se tratar de matéria não assinada, ser escrito na terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural. Melo<sup>2</sup> explica que essa é uma característica da própria variabilidade no comportamento do gênero na transição das instituições jornalísticas, que deixaram de ser propriedades individuais ou familiares e se tornaram organizações complexas.

<sup>1</sup> Autoras da Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social da UFAL intitulada *Discurso midiático: análise retórico-jornalística do gênero editorial*.

<sup>2</sup> MELO. *A opinião do jornalismo brasileiro*, p. 82.

### • **Topicalidade**

Segundo Melo,<sup>3</sup> a topicalidade surgiu como exigência da nova estrutura editorial das empresas brasileiras, que abandonaram o conceito de um único editorial que continha vários assuntos (o que dava a idéia contraditória de um editorial que falava muito, mas que, ao mesmo tempo, não se detinha em nada), por um maior número de editoriais, no qual cada um deles trata especificamente de uma determinada questão, permitindo assim, que o editorial se torne mais preciso e objetivo na expressão da opinião.

### • **Condensabilidade**

Melo<sup>4</sup> ressalta que a condensabilidade foi uma característica que surgiu por causa do cotidiano dos tempos modernos. A rotina apressada transformou o leitor, dos grandes centros urbanos, em um público que exige rapidez na sua leitura. Ser claro e breve virou uma necessidade do editorial para ser lido.

### • **Plasticidade**

Essa característica, explica Melo,<sup>5</sup> “decorre da própria natureza dos fenômenos jornalísticos”. Como os fatos jornalísticos são originados pelas circunstâncias e o que acontece no dia-a-dia, eles não podem ser estáticos. “E, se lhe cabe valorar os fatos que estão acontecendo, é indispensável acompanhar o ritmo dos próprios fatos e apreendê-los nos seus desdobramentos, nas suas variações”.<sup>6</sup>

No trabalho, as autoras verificam cinco exemplos de editoriais e buscam encontrar a presença dessas características em tais textos.

<sup>3</sup> MELO. *A opinião do jornalismo brasileiro*, p. 82

<sup>4</sup> MELO. *A opinião do jornalismo brasileiro*, p. 82.

<sup>5</sup> MELO. *A opinião do jornalismo brasileiro*, p. 82.

<sup>6</sup> PEREIRA; ROCHA; FREITAS. *Discurso midiático*, p. 59-60.

Para confirmar a idéia de que a Carta ao leitor nada mais é do que um modo diferente de se referir ao Editorial, farei uma análise de acordo com esses parâmetros e verificarei a sua aplicação “Carta ao leitor” publicada na edição de 28 de junho de 2006 da revista Veja:

#### *CARTA AO LEITOR*

*O juiz está de olho*

*Não será por omissão do juiz que o jogo eleitoral que se avizinha perderá sua legitimidade. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) tem dado repetidas provas de seu comprometimento com a lisura na disputa presidencial. Em especial, o TSE vem marcando de perto o concorrente com mais força, recursos e ousadia para tentar burlar a legislação eleitoral em vigor, o presidente-candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Na semana passada, por 6 votos a 1, os ministros do TSE consideraram ilegal o aumento de salário concedido pelo governo federal a cerca de 160.000 servidores públicos.*

*O tribunal baseou sua decisão em uma lei de 1997 cujo texto veda aumentos a funcionários quando são concedidos depois de março de um ano de eleições gerais. A razão é de simples entendimento e foi explicada de modo cristalino pelo TSE: os aumentos assim dados visam à “obtenção da simpatia de grande parcela de eleitores formada pelos servidores públicos”. Em outras palavras, trata-se da compra de consciências, que, no entender do tribunal, equivale à tentativa de compra de votos. Os aumentos terão de ser anulados ou Lula corre o risco de ver sua candidatura tishada por um processo de impugnação.*

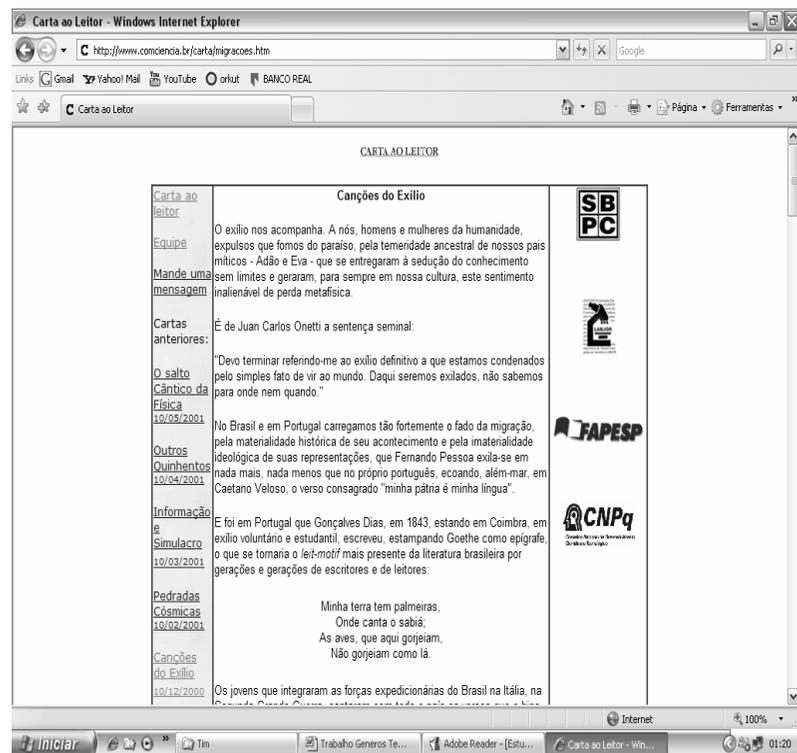
*Toda disputa precisa de regras claras e igualdade de chances para os dois lados. O presidente Lula tem usado e abusado dos recursos de propaganda e de transporte da Presidência da República, o que lhe dá quase o dom da ubiqüidade: sua imagem aparece em diversos lugares ao mesmo tempo no decorrer de um único dia. Que o TSE se mexa para conter esse abuso é um sinal de progresso institucional que interessa a todos os eleitores.*

*Há duas semanas, para uma entrevista publicada nas páginas amarelas, o jornalista Policarpo Junior, da sucursal de VEJA em Brasília, perguntou ao ministro Marco Aurélio Mello, presidente do TSE, o que mais o preocupava nas eleições deste ano. A resposta de Mello: “A preservação de um campo que viabilize uma disputa em igualdade de condições entre todos os candidatos, embora seja difícil imaginar esse cenário com um candidato à reeleição permanecendo na cadeira da Presidência. Isso é uma vantagem incrível”. Pois que ele continue cuidando de preservar essa igualdade de condições. Será merecedor do aplauso de todos os brasileiros.<sup>7</sup>*

<sup>7</sup> VEJA... 2006.

Conforme apontam as autoras, observa-se que o tema “a lisura do processo eleitoral brasileiro no ano de 2006”, escrito em terceira pessoa do singular, o que caracteriza impessoalidade, é tratado em um texto objetivo, com um único assunto, e claro, apesar de apresentar a utilização de termos rebuscados. O texto aborda um fato atual, que aconteceu ainda na mesma semana que ele foi escrito, caracterizando plasticidade. Pelo que as autoras definem como morfológico, o texto é um sueto, pois analisa um fato atual. Quanto ao conteúdo, é normativo; e o estilo é racionalizante porque busca fazer com que o leitor assumira uma opinião diante da atitude do presidente-candidato no processo eleitoral. Quanto à natureza, este editorial é polêmico, pois não só relata o fato, mas lança um olhar crítico sobre ele e direciona o olhar do leitor na mesma direção. Polêmico também, e justamente por envolver uma disputa eleitoral e política. Nota-se que o veículo assume uma posição contrária à atitude do candidato presidente Lula. Diante dessa análise, constata-se, claramente, que a “Carta ao leitor” é semelhante ao Editorial, o que não impede como já dissemos que ela tenha outra função.

Há casos, como acontece na revista eletrônica Com Ciência, que a “Carta ao leitor” não assume a função de Editorial, apesar de se aproximar à função deste.<sup>8</sup>



No periódico Com ciência percebe-se que na Carta há uma confluência de gêneros. Primeiramente porque, inicialmente o leitor tem a impressão de estar diante de uma “Carta ao leitor” com função de Editorial, mas logo depois começa a perceber, no caso do exemplo que daremos, que ela mais se aproxima de um ensaio crítico de literatura. Nele presente a citação de vários textos literário e de uma tirinha de jornal:

#### CARTA AO LEITOR

##### Canções do Exílio

*O exílio nos acompanha. A nós, homens e mulheres da humanidade, expulsos que fomos do paraíso, pela temeridade ancestral de nossos pais míticos - Adão e Eva - que se entregaram à sedução do conhecimento sem limites e geraram, para sempre em nossa cultura, este sentimento inalienável de perda metafísica.*

*É de Juan Carlos Onetti a sentença seminal:*

<sup>8</sup> <http://www.comciencia.com.br/carta/migrações.htm>

"Devo terminar referindo-me ao exílio definitivo a que estamos condenados pelo simples fato de vir ao mundo. Daqui seremos exilados, não sabemos para onde nem quando."

No Brasil e em Portugal carregamos tão fortemente o fado da migração, pela materialidade histórica de seu acontecimento e pela imaterialidade ideológica de suas representações, que Fernando Pessoa exila-se em nada mais, nada menos que no próprio português, ecoando, além-mar, em Caetano Veloso, o verso consagrado "minha pátria é minha língua".

E foi em Portugal que Gonçalves Dias, em 1843, estando em Coimbra, em exílio voluntário e estudantil, escreveu, estampando Goethe como epígrafe, o que se tornaria o leit-motif mais presente da literatura brasileira por gerações e gerações de escritores e de leitores:

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Cassiano Ricardo quis transcendê-la no sentimento adulto e algo conceitual da saudade:

Esta saudade que fere  
mais do que as outras quiçá,  
Sem exílio nem palmeira  
onde cante um sabiá...

Carlos Drummond de Andrade, finge, poeticamente, distância e esquecimento, para entregar-se em afeto de homenagem e envolvimento:

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos Minha  
boca procura a 'Canção do Exílio'. Como era mesmo  
a 'Canção do Exílio'? Eu tão esquecido de minha  
terra... Ai terra que tem palmeiras onde canta o  
sabiá!

Oswald de Andrade canta o regresso à pátria, troca as palmeiras por Palmares e pontua o movimento da volta com a cadência contrária das marcas futuristas do progresso de São Paulo:

Minha terra tem Palmares  
onde gorjeia o mar  
os passarinhos daqui  
não cantam como os de lá  
Minha terra tem mais rosas

E quase que mais amores  
minha terra tem mais ouro  
minha terra tem mais terra  
Quero terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra sem  
que volte para lá  
Não permita Deus que eu morra sem  
que volte para São Paulo  
sem que veja a rua 15  
E o progresso de São Paulo

Jô Soares, que não é poeta, mas humorista, dos bons, não resistiu à melodia da canção e, virando-a pelo avesso, encheu a sua resistente ossatura com a carne generosa da política de regalias e privilégios do presidente cassado:

Minha Dinda tem  
cascatas  
onde canta o curió.  
Não permita Deus que  
eu tenha  
de voltar pra Maceió.  
Minha Dinda tem  
coqueiros  
da ilha de Marajó.  
As aves, aqui,  
gorjeiam  
não fazem cocoricó.

Caulos, outro humorista, também dos bons, fez o sabiá migrar dos versos saudosistas para a denúncia ecológica, no grafismo leve e tocante do exílio de sua própria palmeira:



*E é essa palmeira, que já não há, que ressuscita em uma das mais lindas canções da música popular brasileira, de Tom Jobim e Chico Buarque, trocando agora o sabiá histórico pela sabiá amada:*

*Vou voltar, sei que ainda  
 Vou, vou voltar para o meu lugar  
 Foi lá e ainda é lá  
 Que eu hei de ouvir cantar  
 Uma sabiá  
 Cantar, uma sabiá.*

*É como se todos tivéssemos escrito, cada um, a sua própria canção do exílio. Na minha, escrevi:*

*Quando os sinos tocarem os funerais de minha vida,  
 eu já terei sido menino, moço, adulto, velho e morto,  
 se tiver a chance de assistir correr meus anos  
 da hora de nascer curto e espremido como um choro  
 à hora de partir longo e doído como um sopra.*

*Este número de ComCiência dedicado ao tema Brasil: Migrações Internacionais e Identidade, além das reflexões críticas e dos estudos sobre esses movimentos de transnacionalidade que mudam, com a história, de sentido, mas não mudam de intensidade, na história, é também um registro de homenagem e um aceno de encontro aos que para cá vieram e aos que daqui se foram, vivendo, uns e outros, no esforço de construir a vida melhor, a identidade material e culturalmente cindida de ser um e procurar ser outro. Mas como diz Clarice Lispector, "o outro do outro sou eu". Exílio!*

*Carlos Vogt<sup>9</sup>*

Como se pode perceber, trata-se de um texto completamente híbrido. Nele pode-se verificar a presença de algumas das características apontadas no estudo de Pereira e Rocha,<sup>10</sup> mas essas não atingem a eficácia de aplicação como ocorre nos outros textos. Logo, poderia-se querer pensar na possibilidade de um novo gênero, mas o melhor é perceber a riqueza presente no gênero "Carta ao leitor" e as suas potencialidades.

<sup>9</sup> <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al051220006.htm>

<sup>10</sup> PEREIRA; ROCHA.; FREITAS. *Discurso midiático*.

## Referências

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Texto e interação: uma proposta textual a partir de gêneros e projeto*. São Paulo: Atual, 2000.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

IKEDA, S. N. A noção de gênero textual na lingüística crítica de Roger Fowler. in: MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MELO, José Marques de. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Petrópolis : Editora Vozes, 1985.

PEREIRA, R.M.F.; ROCHA, T.F.; FREITAS, A.F.R. *Discurso midiático: análise retórico-jornalística do gênero editorial*. Maceió: Universidade Federal do Alagoas, 2006.

<<http://www.comciencia.com.br/carta/migrações.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2007.

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al051220006.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2007.

## A entrevista jornalística oral: perguntar para informar

Cristine Scarpelli de Lacerda

A entrevista jornalística oral surgiu da necessidade de “histórias de interesse humano”.<sup>1</sup> É um gênero do discurso jornalístico e se diferencia de outras entrevistas como, por exemplo, a de um médico e seu paciente ou a de um emprego pelo fato de obedecer a uma técnica que produz notícia para o consumo de massa. Edgar Morin<sup>2</sup> classifica a entrevista como “comunicação pessoal, realizada com um objetivo de informação”.

Com relação à entrevista oral, observa-se a possibilidade de ela ser ou não publicada. Geralmente a entrevista oral é um meio de informação mais acessível às pessoas pelo fato de ser veiculada na televisão ou no rádio, além de outros meios de fácil acesso de população.

Baseada em uma combinação prévia das perguntas a serem realizadas, a entrevista oral pode seguir o esquema pingue-pongue (pergunta e resposta) ou ser apresentada em forma de reprodução textual das respostas dadas (todas as perguntas são feitas com antecedência e as respostas são apresentadas como um texto, em um único bloco).

Quanto a sua função, a entrevista oral apresenta aspectos que dificultam uma separação entre sua finalidade e sua forma. Cada situação comunicativa produz entrevistas orais com forma e função definidas. A entrevista se divide e pode ser classificada sob quatro aspectos:

### Quanto à função de gerar matéria jornalística

As entrevistas de rotina fornecem ao repórter elementos do cotidiano e são baseadas na coleta de informações de pessoas

<sup>1</sup> ERBOLATO. *Técnicas de codificação em jornalismo*.

<sup>2</sup> MORIN, citado por: ERBOLATO. *Técnicas de codificação em jornalismo*.

envolvidas no fato apresentado. Se, por exemplo, ocorre um assassinato, o repórter entrevistará parentes da vítima, parentes do possível autor do crime e até o próprio acusado.

#### **Quanto aos entrevistados**

A entrevista individual resume-se na presença de um entrevistador e um entrevistado. A exclusividade da entrevista se dá pela marcação, com antecedência, de um encontro entre as partes. Pode ser utilizada para informar sobre um evento, para servir de base a algum projeto de publicação de obra (uma biografia, por exemplo).

Já a entrevista de grupo acontece quando duas ou mais pessoas falam a um jornalista. Geralmente são utilizadas para divulgação de assunto de interesse mais geral, como descobertas da medicina, esclarecimentos sobre fatos ocorridos no governo, etc.

#### **Quanto aos entrevistadores**

A entrevista pessoal ou exclusiva caracteriza-se pelo fato de a pessoa ouvida falar a um só entrevistador. Ocorre também a entrevista por escrito, com reconhecimento prévio das perguntas por parte do entrevistado. A entrevista coletiva ocorre quando uma ou mais personalidades falam a diversos jornalistas numa mesma ocasião. Centrada em grandes acontecimentos, a entrevista pode ser realizada na forma de pingue-pongue e nem sempre o entrevistado tem conhecimento das perguntas a serem realizadas. As conferências de imprensa se realizam quando altas autoridades se comunicam com jornalistas previamente credenciados. O entrevistado recebe as perguntas por escrito e decide a quais responderá. O pool, por sua vez, se dá quando vários jornalistas, mesmo credenciados, não podem fazer perguntas e recebem informações de outros jornalistas escolhidos para a entrevista (a escolha pode ser por sorteio ou considerando-se a idade ou tempo de profissão do jornalista).

#### **Quanto ao conteúdo**

Entrevistas informativas são geralmente dadas em sigilo e servem de base para uma notícia. Permitem obter “o relato de um fato, através da conversação com alguém que é responsável por uma nova idéia, testemunhou um evento ou participa de uma determinada situação”.<sup>3</sup> Entrevistas opinativas são realizadas com pessoas que têm autoridade para falar sobre assuntos nos quais se especializaram. O bom ou mau desempenho de um time esportivo será comentado por técnicos, jogadores e dirigentes esportivos, por exemplo. As entrevistas de personalidade procuram mostrar hábitos e ambições de uma pessoa, podendo se realizar também com parentes e amigos do personagem principal da entrevista. Geralmente ocorre quando algum desconhecido ganha na loteria, por exemplo, e é chamado a falar da mudança em sua vida.

A entrevista oral pode circular em rádio e televisão, mas não se pode esquecer que ela pode ser retextualizada e utilizada por jornais e revistas para atingir um número maior ou mais seletivo de público.

<sup>3</sup> ERBOLATO. *Técnicas de codificação em jornalismo*.

## **Referências**

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

DIONÍSIO, Ângela P. *et al.* (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

**Cadernos Viva Voz  
de interesse para a área de  
Gêneros Textuais**

**Nos domínios dos gêneros textuais v.1**

Regina Lúcia Péret Dell'Isola (Org.)

**Re-textualizações**

Regina Lúcia Péret Dell'Isola (Org.)

Os Cadernos Viva Voz estão disponíveis também  
em versão eletrônica no *site*:  
[www.lettras.ufmg.br/site/publicacoes/publicacoes.htm](http://www.lettras.ufmg.br/site/publicacoes/publicacoes.htm)

